

D

Este suplemento é parte integrante da edição nº4728 e não pode ser vendido separadamente

Castros Iluminações

As luzes que vão de Espinho para o mundo

Reportagem
Tradições e recordações de outros tempos

Os bastidores do maior espetáculo do mundo: Eddy Circus

Conto de Natal
Joana Amorim

Memórias
Viagem aos arquivos de Natal da primeira década da Defesa de Espinho



Índice

03

O Natal fica à porta

Artigo de opinião de Ana Silva

04 a 08

O passado e o futuro das iluminações mais famosas de Espinho (e do mundo)

A Castros Iluminações celebrou 100 anos de existência. Jorge Castro, CEO da empresa, recorda o passado e aponta para um futuro ainda mais brilhante da empresa mundialmente famosa pelas suas decorações luminosas

10 a 14

As memórias de um Natal de outros tempos

Oito espinhenses recordam as histórias e tradições dos natais de antigamente. Mais pobres em termos de fartura mas certamente tão ou mais ricos em relação ao amor e aos valores de família e amizade

15 a 19

Bem-vindos ao maior espectáculo do mundo: o circo

Eddy, Anabela e Gino Marinho são os pilares do circo familiar que montou arraiais em Espinho nesta época de Natal

20

À procura do espírito de Natal

Conto de Joana Amorim

21 a 23

Já escolheu as suas prendas?

Aceite as nossas sugestões para prendas de Natal no comércio tradicional espinhense

24

Sonhos de Natal

Sugestão natalícia de Mónica Santos

25

Carta de vinhos

Francisco Azevedo

26

Poesia de Natal

Tributos a Manuel Laranjeira

27

Memórias

Recordamos as reportagens natalícias que marcaram a primeira década de existência deste jornal

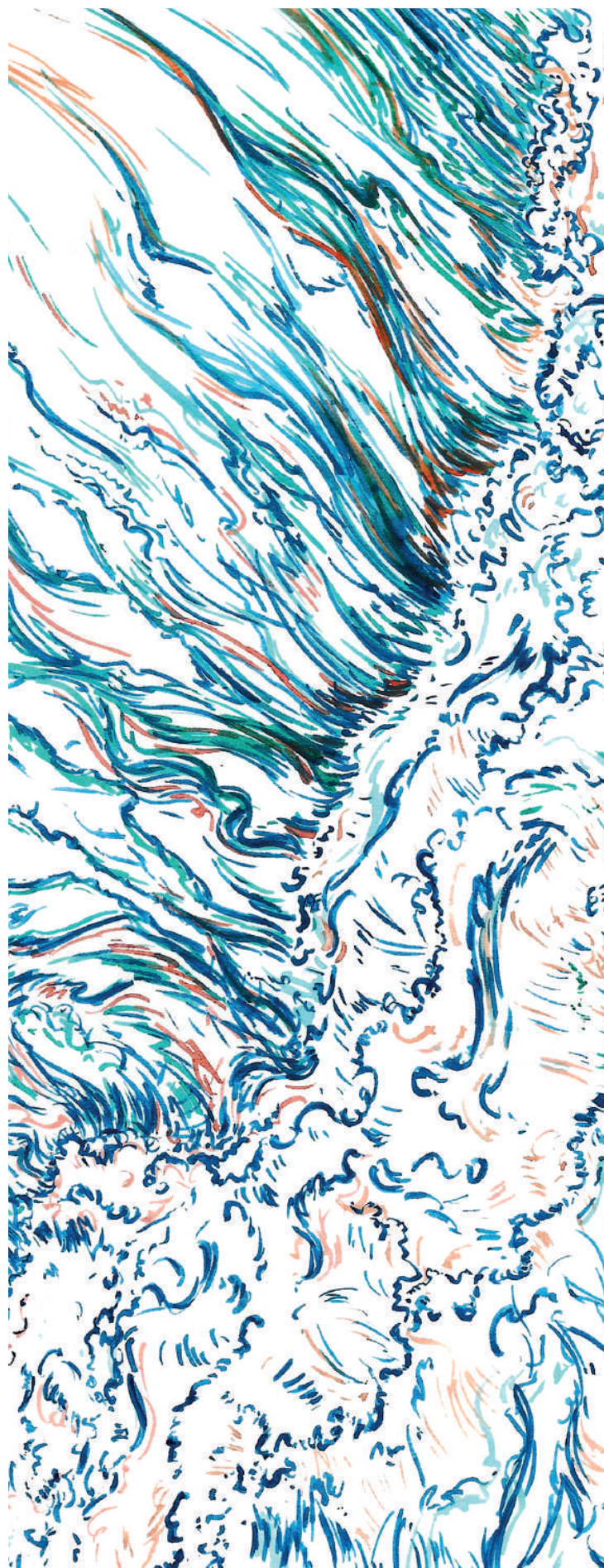


Ilustração de Inês Canha

Ficha técnica

Diretor

Nuno Oliveira

Redação

André V. Almeida
Lisandra Valqueresma
Manuel Proença

Fotografia

Francisco Azevedo
Isabel Faustino
Sara Ferreira

Design e Paginação

Ricardo Gomes

Ilustração da capa

Inês Canha

Contos

Ana Silva
Joana Amorim

Publicidade e Secretaria de Administração e de Redação

Cristina Fonseca
Fernanda Oliveira

Impressão Gráfica

Diário do Minho

Proprietário e Editor

EMPES - Empresa de Publicidade de Espinho, LDA

Administrador/Publisher

Nelson Soares

© 2022 Defesa de Espinho - Todos os direitos reservados

O Natal fica à porta

Durante o mês de dezembro podemos sentir o frenesim da época natalícia, ouvimos músicas de Natal pelas ruas ou nos centros comerciais, podemos contagiar-nos ou não com a suposta energia natalícia e até mergulhar num consumismo desenfreado.

Contudo, pode também existir aquele sentimento estranho e intenso que podemos apelidar de melancolia, nostalgia ou até mesmo saudade. Este sentimento estranho pode ser associado a vários tipos de ausência como a ausência de tempo, de alegria, de dinheiro mas sobretudo sentir a falta de alguém.

Para muitos de nós, este Natal poderá ficar à porta, sem permissão para entrar devido a ausências impossíveis de suportar. A porta pode permanecer fechada por um ano ou mais, dependendo da forma como lidamos com a ausência de alguém, especialmente se esse alguém partiu durante esta época supostamente festiva. Como é possível celebrar o Natal se o associamos a eventos menos positivos, como por exemplo um funeral? Cada um de nós faz o que sente naquele momento, tentando encontrar a solução mais adequada para superar a dor que sente. Corremos o risco de sermos invadidos por um turbilhão de emoções e sentimentos perante a ausência de alguém que amamos mas que infelizmente partiu de forma definitiva.

É por isso que há quem evite enfeites de Natal porque as luzes contrastam com a tristeza que carregam na alma, há quem queira respeitar a tradição mas procurando não exagerar, outros tentam disfarçar o desânimo que trazem consigo, existem ainda aqueles que se fecham por completo ao Natal, entregando-se assim à dor que carregam no seu coração e por último aqueles que não dão qualquer valor a este momento do ano.

Talvez tudo isto aconteça, porque quando nos tornamos adultos percebemos que a nossa lista de presentes de Natal não tem qualquer relevância, percebemos que aquilo que realmente mais desejamos não pode ser comprado. Sentimos ainda mais a ausência daqueles que partiram na ceia de Natal, é impossível não observar os lugares que ficam vazios na mesa, preenchidos apenas e somente pela saudade (e)terna.

Com efeito, não devemos julgar quando alguém afirma que não gosta do Natal, frequentemente estas pessoas guardam mágoas, episódios ou histórias de vida difíceis e embora gostassem de o poder sentir, não têm ainda essa oportunidade.

Assim sendo, dedico meus pensamentos e votos neste Natal à esperança, à calma, à perseverança, à solidariedade, à resiliência mas sobretudo ao que neste preciso momento mais precisamos: à paz.

Que este sentimento tão simples e importante como a paz se deixe mostrar de dentro para fora de nós, não nos deixando poluir por sentimentos menos positivos.

Que seja permitido inspirar-nos e transformar o mundo num lugar melhor, onde a paz impere, onde se possa espalhar amor e semear esperança, construindo novos significados, novos rituais e novas memórias para que se experience o Natal com um novo olhar.

Votos de um Feliz e Santo Natal para todos. ♦

Texto
Ana Silva





“Empenhados em resolver o presente, mas com os olhos no futuro”

**100 ANOS
DA CASTROS
ILUMINAÇÕES.**

Empresa centenária familiar que já vai na quarta geração, teve origem na produção de fogo de artifício. Começou com as iluminações nos Carvalhos e a dimensão está além-fronteiras. Londres, Paris, Barcelona e muitos outros países têm a marca deste negócio espinhense.

Texto
Manuel Proença
Fotografia
Isabel Faustino

Foi no fogo de artifício que nasceu a Castros Iluminações. A empresa surgiu em 1921, pela mão de António Araújo e Castro, bisavô do atual CEO, Jorge Castro.

“Não cheguei a conhecer o meu bisavô, mas tenho uma memória muito viva da minha avó, a dona Micas (Maria Aurora de Castro) e, obviamente, daquilo que o meu pai, António Jorge Castro, fazia. Por isso, sou um acumulador de muitas histórias contadas pela voz da minha avó e do meu pai em relação aos primórdios, de como tudo começou, desde logo com o acidente que culminou na morte do irmão do meu bisavô e que fez com que deixasse o negócio da pirotecnia e viesse a envolver-se no negócio das iluminações, recorda Jorge Castro.

“O primeiro trabalho da empresa foi para a Nossa Senhora da Saúde, nos Carvalhos. Naquela altura, a energia elétrica não era corrente em todos os locais do país. Havia algumas terras onde as iluminações nas romarias se faziam com velas. Estas eram memórias que ia ouvindo da minha avó”, lembra o CEO da Castros.

Desde aí, a empresa foi crescendo e já vai na quarta geração. Uma empresa que nasceu em 1921, atravessou a Segunda Guerra Mundial e todo um final do século XX, com as novas gerações à frente. Mas será que o fundador, António Araújo de Castro, teria a noção da dimensão que a empresa poderia atingir?

“Nunca refleti sobre isso”, responde. “Presumo que ele nunca teria ideia, nem nos seus melhores sonhos, da dimensão que a empresa poderia vir a ter como tem atualmente, nomeadamente a sua dimensão geográfica, com a presença em muitos continentes. Seguramente, deveria ficar orgulhoso por ver o atual percurso da empresa”.

Entre bisavôs, filhos e netos, é seguro afirmar que a Castros Iluminações Festivas SA sempre foi, e ainda é, uma empresa familiar. “O meu bisavô iniciou-a sozinho e, depois da sua morte, os filhos sucederam-no. Nas partilhas, quem acabou por ficar com a empresa e por lhe dar continuidade foi a minha avó, Maria Aurora de Castro. Sozinha levou e elevou esta empresa nos anos 50. Era uma mulher

empresária, num tempo, em que Portugal era ainda um bocadinho conservador. Por isso, foi uma mulher de guerra e com uma visão incrível, com uma robustez e uma força inacreditável que conseguiu ultrapassar todas as adversidades”, relata Jorge Castro.

Mais tarde chegou a terceira geração, com o seu pai, António Jorge de Castro. “Nos finais dos anos 60, com toda a sua jovialidade e curiosidade, com uma personalidade muito vincada e forte, acabou por dar aso à necessidade de conhecer, saber, procurar e pesquisar. Foi por essa Europa fora, inspirou-se e trouxe muitas ideias e conhecimentos novos”, revela Jorge Castro, notando ainda que “a Europa estava muito mais desenvolvida nesta área do que Portugal. Fruto dessa inspiração, o meu pai aplicou esses conhecimentos internamente contribuindo para que a empresa acabasse por dar um passo de gigante em relação àquilo que tinham sido as décadas anteriores. Por isso, no fim da década de 80 a empresa deu um pulo nas suas mãos, catapultando-a para aquilo que depois, com o início do novo século, foi a rampa de lança-

mento para grandes voos”.

Jorge Castro desde muito pequeno que acompanhou a empresa. Chegou a estar ao lado das equipas na rua. “Nas férias escolares, por carolice ou por influência do meu pai, comecei a trabalhar na empresa. O meu pai sempre me disse que eu ia trabalhar, mas que ia ganhar dinheiro. Por isso, o facto de ter essa contrapartida e ficar com um pé de meia para comprar as minhas coisas, terá sido um grande incentivo. Eu e o meu irmão integramos as equipas da empresa”, recorda o atual CEO.

“Trabalhar nesta empresa, nesse tempo, era uma grande aventura. A realidade não era como a de hoje, em que os colaboradores dormem em hotéis ou em pensões. As equipas ficavam a dormir em espaços que eram cedidos pelas autarquias ou pelos clientes locais. Lembro-me de termos dormido em juntas de freguesias, em escolas e em quartéis de bombeiros. As refeições não eram feitas em restaurantes e a minha avó, muitas vezes, fazia de cozinheira e levava um verdadeiro arsenal de panelas, tachos e fogões a gás. Ela cozinhava para o pessoal. Também levávamos os divãs e fazíamos as camas”, lembra com um certo saudosismo.

“Vivi esta fase que, para nós, era excitante. Os transportes atualmente são feitos em veículos fechados e com todas as comodidades, mas na altura íamos em cima da carga num camião! Era uma festa dentro da festa. Viajar em cima dos arcos das iluminações era emocionante. Era uma aventura no verão com viagens para Valpaços, Ribeira de Pena, ou para Bragança para fazermos as romarias”.

Jorge Castro garante que não o tratavam como filho do patrão ou neto da patroa. “Eu era um trabalhador normal e fazia aquilo que os outros faziam. Ficava com calos nas mãos e os dedos, muitas vezes, feridos. Naquela altura, não havia qualquer proteção. Por ser o filho do patrão acho que ainda levava com mais carga! Mas isto também tinha algumas contrapartidas, pois a minha avó dava-me o lanche a meio da tarde. Tinha um período de descanso que os outros não tinham. Por outro lado, os trabalhadores pregavam-me muitas partidas e não tinham em conta o facto de eu ser neto da patroa. Foi uma época muito interessante”, assume.

Por tudo isto, Jorge Castro desde muito cedo começou a viver e a interiorizar as festas, a

romaria e a luz que influenciou o seu percurso.

O bisneto do fundador até terminou a sua licenciatura na Universidade mas estava escrito, quiçá em luzes coloridas, que o destino seria outro. “Licenciei-me em Direito, fiz o estágio profissional de advogado, com sucesso, mas acabou por chegar o momento de tomar uma decisão difícil e optei por seguir os passos da família na condução dos destinos da empresa. Olho para trás e não me arrependo”.

Jorge Castro tem um conhecimento histórico da empresa e diz que os equipamentos de hoje nada têm a ver com os que existiam há 40 anos a esta parte. “Houve um avanço tecnológico, novas metodologias e realidades de trabalho. Tudo é diferente. Contudo, esse conhecimento histórico adquirido deu-me algum arcaboço para poder encarar a evolução ao longo dos anos”.

Desde 1999 a Castros Iluminações está num espaço maior, na Freguesia de S. Félix da Marinha, praticamente paredes meias com Guetim. O pavilhão 1, que ainda existe em Espinho, “foi onde tudo nasceu” começa por recordar Jorge Castro para depois acrescentar que “com o crescimento tivemos de recorrer ao arrendamento de armazéns e de vários espaços. Por isso, o passo natural foi encontrar um local com uma área suficientemente grande para fazermos umas instalações à medida daquilo que eram as exi-



“

O futuro das iluminações será o futuro da nossa empresa. Queremos continuar a emocionar as pessoas. Olhamos para a sustentabilidade da empresa como um grande desafio para todos nós”

Jorge Castro,
CEO da Castros SA

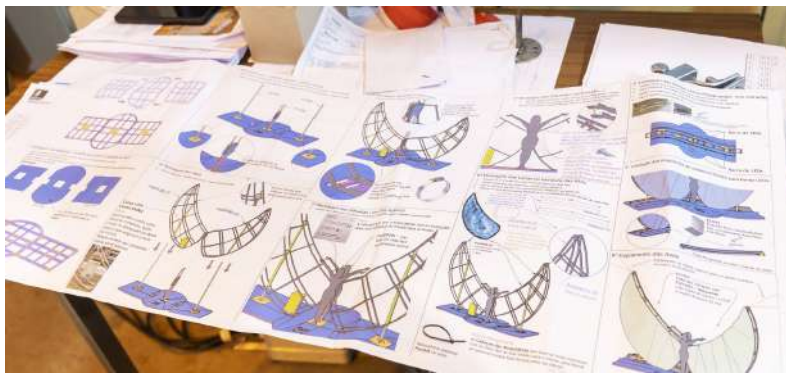
gências da empresa, não só naquela época, mas projetando-a um bocadinho para a frente”. “As atuais instalações têm uma área de 7000 metros quadrados cobertos. No início sobrava espaço mas passada uma década já se tornou escassa. Neste momento temos mais quatro armazéns arrendados”, remata o empresário.

A nova geração da Castros Iluminações Festivas SA sentiu que o mercado nacional, onde eram líderes incontestáveis, já era pequeno para aquilo que era a sua realidade. “Estávamos a entregar algo com muito valor acrescentado, com muito relevo e qualidade. Quando a quarta geração veio para cá trabalhar foi logo para Barcelona. Aquilo que

fazíamos já era de tal forma revolucionário que o poder local convidou-nos a participar na construção do manual de normas e regras para as iluminações de Natal. Veja-se a dimensão, sob o ponto de vista de inovação, o quão avançados estávamos. Chegar à segunda maior cidade espanhola, com uma proposta sob o ponto de vista do design tão inovadora que fomos convidados a participar nesse normativo que disciplinava as iluminações de Natal. Isso diz tudo sobre o ponto em que estávamos”, salienta.

“Portugal já era geograficamente pequeno para aquilo que a organização estava a produzir. Nesse sentido, a direção começou a preparar a expansão para fora do





país, como opção estratégica e de futuro. "A operação foi montada e começamos de uma forma lenta e sustentada a construir o caminho da internacionalização da empresa", recorda.

Apesar do percurso ser claramente ascendente nem sempre tudo correu de feição. Jorge Castro diz que em 2008 a sua empresa "esteve quase no abismo, com as sucessivas crises, entre as quais a da dívida soberana. Os investimentos feitos na área da nossa atividade foram dramaticamente desfeitos. Perante a hecatombe fomos forçados a fazer o processo

de internacionalização da Castros de uma forma muito mais rápida. Como todos os crescimentos acelerados, também este teve as suas dores, mas considero que o resultado, atualmente, é muito positivo e que está à vista", destacou.

Para Jorge Castro, a sua empresa "atingiu uma dimensão, mantendo-se a crescer em sustentabilidade. Não é crescer numa dimensão desmesurável. Vamos olhar para o futuro e perceber como irão ser as iluminações festivas no futuro com a integração nas novas cidades", explica. "É isto que estamos a trabalhar no nosso

departamento de investigação que tem autonomia, mas só não tem orçamento próprio. Temos tido algum sucesso com os nossos projetos que são internacionais e apoiados pela União Europeia, do Portugal 2020 ou do próximo quadro. Queremos um crescimento alicerçado e pretendemos que o valor acrescentado se traduza em resultados, mas não em crescimento físico", preconiza o CEO da Castros.

Em Espinho muitos sabem da internacionalização da Castros Iluminações. "É natural que na cidade existam pessoas que sabem o que é a Castros Iluminações Festivas e que levamos o nome de Espinho a muitos locais do mundo. Acredito que a maior parte dos espinhenses não esteja a par desta dimensão, daquilo que fez, faz e do que se propõe fazer no futuro. É uma marca que é reconhecida e que está nas grandes cidades do mundo. A Castros é um veículo que leva o nome de Portugal além-fronteiras", diz Jorge Castro.

A Castros Iluminações Festivas é uma Pequena e Média Empresa (PME), que emprega cerca de uma centena de pessoas. Mais do que orgulho, Jorge Castro sente "uma grande responsabilidade" porque isso significa que "são 100 famílias que vivem deste trabalho".

No entanto, não tem sido fácil recrutar mão de obra. "Há já alguns anos que vamos sentindo dificuldades em encontrar pessoas para trabalhar. Este negócio tem particularidades e, por isso, não há uma formação específica. Temos de formar cá os nossos técnicos. O trabalho não é muito exigente, mas é verdade que a empresa, com a sua evolução e com uma componente tecnológica mais presente, exige equipas mais especializadas. Fomos construindo estas equipas com arquitetos, engenheiros mecânicos e eletrotécnicos. Ao nível de quadros qualificados não está fácil, mas ainda vamos conseguindo pessoas. Onde verdadeiramente há um drama é na contratação de gente que tenha vontade de trabalhar. Tem sido complicado nos últimos anos, mas em particular neste último. Lançámos mão de tantos canais e de inúmeras opções, mas com muito pouco sucesso em quase todas. Em determinada altura contactámos empresas de mão-de-obra no Brasil para ver se nos arranjavam pessoal que pudesse vir cá fazer uma época, mas deparámo-nos com muitos entraves legais. Veja-se onde chegamos! Este é um problema sério e preo-

cupante, que faz parte da evolução da própria sociedade. Estamos a assistir a uma sociedade cada vez mais letrada, com mais estudos, mais ambição e, portanto, os trabalhos menos especializados não atraem as pessoas. É uma situação estrutural para a qual não nos estamos a preparar", adianta Jorge Castro acrescentando que "esta geração que faz o corpo das nossas equipas mais visíveis, de exteriores, que exige um trabalho físico e alguns sacrifícios como estar longe das famílias, é cada vez mais rara. Este é um grande desafio para o futuro. Desenvolver um produto que não exija esta mão-de-obra".

Bond Street à joia da coroa da Castros Iluminações

Um dos mais recentes e emblemáticos trabalhos da Castro Iluminações foi a ornamentação de uma das principais ruas da capital da Inglaterra, a Bond Street.

"Estive recentemente em Londres para assistir à inauguração das iluminações de Bond Street, que é uma das ruas mais luxuosas do mundo. Foi a Castros Iluminações Festivas a vencedora do concurso. Já o tínhamos ganho na edição anterior e renovamos, por mais três anos, o contrato com o cliente. É um motivo de grande orgulho para a empresa e para todos nós porque estamos presentes naquela que é a rua mais emblemática, sob o ponto de vista do que é o luxo. Além disso, o projeto que desenvolvemos acabou por correr muito bem porque das várias ideias, esta foi ligada a uma reedição daquilo que era a joalheria da rainha Vitória e que foi passada para aquilo que são os elementos icónicos da iluminação da rua. Isto agradou ao cliente e foi materializado", evidencia o CEO da Castros Iluminações. "Por outro lado, ninguém estava à espera que a rainha Isabel II falecesse. O simbolismo da joalheria da coroa britânica acabou por ser algo muito valorizado e, por isso, estamos todos de parabéns porque está a ser um enorme sucesso, com grande apoio e *feedback* nas redes sociais. Este é um trabalho fantástico sob o ponto de vista do seu resultado final, estético e tecnológico. O enquadramento na rua, com todas as suas características e especificidades ficou uma combinação perfeita. Por isso, se não é o melhor é um dos melhores projetos que a Castros realizou nos últimos tempos", afirma Jorge Castro.

"Na Castros estamos empe-

nhados em resolver o presente, mas estamos com o olho no futuro. O futuro das iluminações será o futuro da nossa empresa. Queremos continuar a emocionar as pessoas. Olhamos para a sustentabilidade da empresa como um grande desafio para todos nós. A empresa Castros sempre foi inovadora e, por isso é que tem 100 anos e chegou onde está. Cada geração fez o seu trabalho bem feito. Estou bastante contente com a equipa que tenho e com o trabalho que temos vindo a desenvolver", conclui.

De um papel em branco pode nascer uma obra de arte

Sara Meneses trabalha na Castros desde 1995 e elabora projetos e desenhos de peças novas, criando novas composições.

"Respondi a um anúncio de um jornal que pedia para uma empresa em Espinho um desenhador/desenhadora. Concorri e fui a uma entrevista e quem me recebeu foi o António José Castro", recorda a colaboradora da empresa que ambicionava ser desenhadora de banda desenhada. "Era um sonho de criança, mas nunca tinha pensado nas iluminações. Olhei para os projetos que tinham na parede e comecei a reconhecer coisas que tinha visto nas ruas de várias cidades. A entrevista não me parecia de trabalho mas sim uma conversa entre amigos".

Depois de admitida, Sara diz que começaram por ensinar e mostrar o que a empresa fazia. "Aos poucos começaram a entregar-me os pedidos e o meu primeiro trabalho foi para as festas de S. Gualter, em Guimarães. Fiz uma peça para um jardim", recordou.

Nessa altura, segundo Sara Meneses, "os desenhos eram feitos à mão e, só depois, os passávamos para o computador. Os desenhos eram impressos numa *plotter* muito antiga, de canetas de tinta da China. Depois de impresso pintávamos com guaches e usávamos um pequeno compressor para borrifar a tinta. O cheiro da tinta deixava-nos um bocadinho indispostos e tínhamos de interromper o trabalho por um pouquinho. Esses trabalhos eram feitos como uma obra de arte e até passávamos o verniz. Agora nada disto é feito".

Com o tempo Sara foi-se adaptando às novas tecnologias, não só por gostar, mas porque também se tornava mais fácil. "Conseguia visualizar o projeto

geral sem que estivesse apenas na minha ideia. Por isso, aquele sonho de menina que tinha de fazer banda desenhada ainda se mantém, mas gosto muito do trabalho que faço aqui. Isto é criação pura".

Para Sara Meneses "é fundamental termos um conhecimento de como as peças são produzidas. É essencial percebermos como são soldadas as estruturas e, por isso, já estive a ver como os meus colegas da serralharia trabalham. É fundamental conhecermos o material iluminativo e, muitas vezes, as ideias surgem quando estamos a manusear esse material. Às vezes essas ideias mais simples são as mais fantásticas".

A funcionária muitas vezes vai contemplar as iluminações festivas nas ruas e depara-se com alguns dos seus trabalhos. "Quando vejo os meus desenhos nas ruas fico bastante satisfeita e orgulhosa. Olho para as pessoas e penso que não fazem ideia do que implica aquilo que estão a ver. Muitas vezes pensam que é algo muito simples, mas tem, de facto, uma enorme complexidade".

Sara diz que em Portugal "há muitas empresas a fazerem coisas simples" e considera que "esse ruído pode atrapalhar aquilo que já está nuns patamares acima, como são os produtos da Castros. Muitas vezes, para se decorar uma árvore é preciso ter um bocadinho de bom-gosto e não tem ciência. Às vezes é só copiarem. Mas há certas coisas que não é assim, como peças grandes, robustas e que requerem inovação. Muitas pessoas não acreditam que uma empresa portuguesa, como a Castros, pode ser tão grande", conclui.

Em Viseu todos sabem quem é o Adelino dos Castros

Adelino Gomes começou a trabalhar na Castros em 1988. Trabalhou durante um ano e saiu da empresa, regressando em 1994. Admite que faz de tudo um pouco.

"Devido a problemas de saúde tenho andado arredado da montagem das iluminações e tenho estado mais pela fábrica", conta o funcionário.

"Quando vim para cá esta empresa nada tinha a ver com aquilo que é agora", recorda. "Era uma empresa muito pequena. As instalações não eram muito boas e tínhamos pouco espaço", assinala Adelino Gomes.

"Os desenhadores faziam o desenho das peças e nós cons-



RADIO POPULAR

Feliz Natal

e um 2023 com tudo o que deseja

*Merry Christmas
and may 2023 bring everything you wish for*



radiopopular.pt



truíamo-las, fazendo a estrutura e eletrificando-a. Havia peças que davam imenso trabalho. Nós até dizíamos que fazíamos estátuas de luz porque eram muito grandes”, recorda Adelino.

O funcionário não esconde que sente um “enorme orgulho” por trabalhar na Castros.

Na montagem das iluminações, Adelino lembra-se de ouvir as pessoas a criticarem por estarem a montar, antecipadamente, as iluminações. “Tínhamos de o fazer com bastante antecedência e pensavam que era demasiado cedo. Porém, acabavam por elogiar o nosso trabalho depois de verem as luzes ligadas. Era um mar de gente a olhar para as luzes, de norte a sul”, diz Adelino Gomes.

Adelino montou iluminações durante muitos anos, mas nunca o chegou a fazer no estrangeiro. “Ainda estávamos nas antigas instalações em Espinho e a Castros já fazia Las Ramblas, em Barcelona, mas nunca fui trabalhar lá. As peças eram produzidas cá e levadas para Espanha”, conta, com orgulho.

Quando Adelino começou a trabalhar na empresa, cada equipa tinha sete trabalhadores. “Era o chefe, que tinha um trabalhador mais próximo de si e os restantes é que trabalhavam na montagem. Atualmente as condições melhoraram imenso”, constata. “São precisos menos homens por equipa e o material também é diferente. Dantes havia muito ferro e agora usa-se o alumínio, que é bastante mais leve”, revela.

Para se montarem as iluminações, há alguns anos a esta parte, “usavam-se escadas de rodas, mas, atualmente, já são utilizadas as gruas, o que torna o trabalho muito mais fácil”, salienta.

O funcionário da Castros recorda-se de muitas histórias, mas há uma que recorda com satisfação. “Um familiar dos proprietários, que era deficiente, partia os casquilhos das lâmpadas para depois vender-se o alumínio. Numa casa ao lado, havia um papagaio que começou a imitar o som de partir os casquilhos. Nós dizíamos a esse empregado que o papagaio estava a desafiá-lo”.

Adelino Gomes acha que, agora, não é fácil arranjar quem queira fazer o trabalho que ele fazia.

“Lembro-me que quando vim para a Castros, trabalhava sem qualquer problema e estávamos fora de Espinho durante semanas. Não havia telemóveis, como há hoje, mas os jovens não querem fazer sa-



crificios”, afirma, acrescentando que a sua mulher ainda hoje diz que “foi mãe e pai” do seu filho porque Adelino não estava em casa.

O operário não esconde o orgulho que sente em trabalhar na Castros há tantos anos. “Só tenho pena é que a minha saúde não me permita dar mais”, salienta.

“Se for à Feira de S. Mateus, em Viseu e perguntar pelo senhor Adelino dos Castros, todos me conhecem. Muitas vezes, quando um dos feirantes precisava de ajuda, nós ajudávamos porque tínhamos autorização do patrão para o fazer sem que isso prejudicasse a nossa empresa”, conta.

Inspiração nasce de um trabalho de equipa

Rita Braga tem 32 anos e é uma das mais novas funcionárias da empresa. Está na Castros há cerca de sete anos como designer gráfica e trabalha na parte de ilustração preparando os portefólios e as propostas para os clientes. É no seu departamento que se preparam os vídeos promocionais.

“Tudo o que é a imagem exterior da Castros somos nós que a fazemos”, conta Rita Braga.

Quando veio para a Castros, Rita confessa que “não imaginava que a empresa estivesse em tantos locais. Foi uma surpresa para mim”.

Rita recorda-se da entrevista de admissão à empresa e, nesse primeiro dia, teve o cuidado de “fazer uma pesquisa, a fundo, sobre a Castros. “Foi aí que percebi a grandeza desta empresa. Vi iluminações em Oxford Street e isso ainda me deixou mais curiosa por aquilo que se fazia aqui”.

Rita Braga completou um es-

tágio profissional e atualmente faz parte do quadro da empresa e está inserida num grupo multifacetado. O seu trabalho e o dos colegas baseia-se muito em “inspiração” e na “observação das tendências”.

Segundo a designer, os projetos apresentados pela empresa “têm muito a ver, também, com as ruas e com o espírito de cada zona. Por exemplo, a rua Augusta, em Lisboa é diferente de uma qualquer rua em Viseu. Cada trabalho é feito à medida”.

O trabalho de equipa é substancialmente importante para Rita Braga. “Fazemos reuniões entre as várias áreas e ouvimos aquilo que os colegas têm para dizer, as suas opiniões. Daí que, nos projetos que acabamos por apresentar ao cliente, surjam duas a três propostas”. No caso de Bond Street, em Londres, Rita Braga diz que “o cliente se rendeu ao Delightful (nome do projeto)”.

Rita diz que a empresa, até hoje, lhe deu “oportunidades espetaculares” como “conhecer projetos ao vivo no estrangeiro”. “Tive a oportunidade de ir a Bond Street, conhecer a realidade da rua para depois trabalhar nesse projeto, ou até em Paris, em La Defense com um pinheiro de grandes dimensões”.

O trabalho desta jovem designer da Castros Iluminações, este ano, ainda não está terminado, mas o pensamento já está voltado para o futuro que, em breve, trará muitas novidades. ♦

1921

Em 1921, António Araújo e Castro cria a empresa de fogo de artifício na rua 22, em Espinho. Após um acidente pirotécnico, decide mudar de ramo. A adjudicação da festa de Nossa Senhora dos Carvalhos é a rampa de lançamento para a vertente das ornamentações festivas

1945

No período da guerra, a austeridade económica instala-se por toda a Europa e há uma forte contenção na utilização de matérias-primas. A partir de 1945, o mundo atravessa um período de prosperidade e de grande desenvolvimento.

1950

- Prémio do melhor arco terrestre nas festas de S. João, no Porto, na rua das Flores
- Iluminação com lâmpadas de incandescência, suporte cerâmico e casquilho metálico de rosca
- Utilização de amplificadores e aparelhagens sonoras
- Mudança para as instalações no Monte Lirio
- Maria Aurora de Castro assume a administração da empresa

1960

- Primeiras peças metálicas
- Lâmpadas de incandescência E27
- Peças em ‘caixa’ forradas com plástico e pintadas com diversos motivos
- Gambiarra vulcanizada com suporte baioneta e lâmpadas incandescentes
- Motivos decorativos eram pintados em chapa de ferro galvanizado

1970

- Administração passa para António Jorge Castro, que viaja pela Europa e traz as novidades sobre iluminações
- Iluminação de Natal em Lisboa
- Feiras populares do Porto e de Lisboa

1980

- Iluminações da festa da Rainha Santa Isabel, em Coimbra
- Feira de S. Mateus, em Viseu
- Introdução do néon flexível

1990

- Criação de peças em volume e, nesta década, a empresa inicia o processo de internacionalização e ilumina Barcelona no Natal
- Aplicação de fibras óticas

2000

- Nova administração com Jorge Manuel Castro e António José Castro
- Mudança de instalações para S. Félix da Marinha
- Utilização de led na produção de motivos
- Instalação de peças volumétricas no chão
- 1.º Prémio no Concurso Internacional de Iluminações de Natal em Thionville, em França
- Instalação de tetos de luz em Regent St.

2010

- Expansão do negócio ao Médio Oriente
- Criação da Castros Middle East, no Dubai
- Instalação iluminativa com aplicação da tecnologia de visão artificial
- Aplicação da tecnologia led com controlo ponto a ponto

2020

- Instalação de ecrã volumétrico
- Desenvolvimento de robot de desinfeção e higienização com tecnologia UV

NOVO ESPAÇO
ÚLTIMO PISO

BINGO

CASINO ESPINHO

HABILITE-SE A GANHAR UM JANTAR
POR SEMANA E UM JANTAR DE
RÉVEILLON NA TÔMBOLA DA SORTE

OFERTA DE SNACKS VARIADOS

Terças e Quintas: Das 18:00 às 22:00

Quartas: Das 19:00 às 21:00

Siga para Bingo!



gruposolverde.pt

50
DESDE
1972
ANOS



SOLVERDE
CASINOS · HOTÉIS



No final do ano era tradição amarrar molço num pau comprido e pegar-lhe fogo para ver de que lado vinha o vento. Para alguns isso era o "arrichote" mas para a maioria das pessoas era o chamado "correr o velho".

O Natal da minha infância: memórias de saudade contadas pelos mais velhos

Distintos dos de hoje, "pobrezinhos", mas repletos de alegria e tradição. Eram assim os natais de antigamente na vida das amigas Deolinda, Rosa e Elisa, mas também para Angelina e Manuel, Maria Emília, Vitorino e Alda.

À Defesa de Espinho abriram o coração e revelaram as principais memórias de uma infância dura, sem fartura e sem Pai Natal.

Texto
Lisandra Valqueresma
Fotografia
Isabel Faustino
Francisco Azevedo

Bem-disposta e cheia de genica, Deolinda Couto Vieira, com 74 anos, abre-nos as portas de sua casa, em Anta, para uma conversa de memórias, cheiros e sabores. Apesar de ainda hoje manter algumas das tradições natalícias que a acompanharam nos primeiros anos de vida, Deolinda tem consciência que o mundo mudou e, com ele, a quadra festiva.

Sentada no sofá da sua sala, Deolinda recorda, com saudade, os seus primeiros natais onde o pai ainda estava presente. Ao contrário dos tempos atuais, a mesa de Natal da família de Deolinda não ficava repleta, no entanto, como recorda, "podia haver pouco dinheiro, mas naquele dia o bacalhau era sempre um bocadinho melhor". A caldeirada era regada "com o molho fervido de antigamente", que se fazia juntando "um bocadinho de azeite e um bocadinho de água de coar a caldeirada, mas, às vezes, até se colocava um pouco

de banha de porco", revela.

À mesa, mas em pouca quantidade, provavam-se as tradicionais rabanadas, aletria, castanhas cozidas e filhoses que imitavam os também conhecidos bilharacos. Segundo Deolinda eram feitos com farinha, açúcar e água. "Pareciam uma larocas doces, mas era o que havia".

Com a partida do pai para a Venezuela a vida mudou. Pouco tempo depois da viagem, um acidente de trabalho ditou a sua morte. A mesa de Natal ficou mais vazia e, ao contrário do que acontecia antes, com as noites de consoada a serem passadas em casa de familiares, a quadra vivia-se sem sair de casa, algo que acontecia por vontade de mãe de Deolinda. De uma mesa cheia, passou a haver apenas uma mesa de três, mas nem por isso as tradições ficaram esquecidas.

Animada, Deolinda Couto Vieira recorda o tempo em que

acordava entusiasmada, sempre com a expectativa de ver o que guardava o seu sapatinho. A curiosidade era muita, mas o presente não variava de ano para ano. "Corríamos para a lareira, mas quando abríamos o sapatinho só havia castanhas. Às vezes, com sorte, umas meias e outras vezes uma fatia de pão". Apesar de não ser o presente ideal, Deolinda sabia que era o possível. Conformada, partia para outro momento importante do dia: a missa de Natal. Bem cedo, a família saía de casa para assistir à primeira Eucaristia da manhã. Começava às 7h00. "Era muito cedo, tornava-se duro", mas era um momento alegre, pois "a cerimónia era animada pela Tuna de Anta".

Para Elisa Silva, de 82 anos, o Natal também era um dia alegre. Tal como a amiga Deolinda, Elisa levantava-se cedo porque a ida à missa não podia faltar. Nessa manhã, o sapatinho guardava o presente já habitual. "Aquilo que

“

Perguntávamos pelas prendas e a minha mãe dizia que como tínhamos adormecido e chegado tarde o Menino Jesus não nos tinha deixado nada”

Rosa Pinto



‘Nesta casa cheira a unto, mora aqui algum defunto.
Nesta casa cheira a alho, mora aqui algum carvalho.
Nesta casa cheira a breu, mora aqui algum judeu’

Rosa Pinto e Elisa Silva foram ao baú das memórias buscar as cantigas típicas e tradicionais de Natal e Ano Novo.



recebíamos eram uns socos novos e os rapazes umas chancas. Lá dentro, duas ou três castanhas”, recorda a antense, explicando que, “naquela altura não se falava em Pai Natal, pois quem trazia os presentes era o Menino Jesus que descia pela chaminé”.

Com a consciência das dificuldades da época, Elisa admite que gostava do presente. “Sabíamos que era o que havia, mas gostávamos muito. Lembro-me de eu e a minha irmã andarmos o dia todo consoladas a caminhar na cozinha com os socos que tínhamos recebido”, confessa. Mas para Elisa e para os irmãos a hora do almoço, depois da ida à missa, também era especial. “Como à noite comíamos a caldeirada com o bacalhau, as batatas e as couves, a minha mãe guardava sempre uma parte para, no dia seguinte, comeremos o chamado farrapo velho. Como nós já sabíamos que íamos ter aquilo para comer, quando saíamos da igreja, começávamos a correr e metíamos-nos uns com os outros porque queríamos roubar a caldeirada”, conta, entre gargalhadas.

Ao contrário de Deolinda e Elisa, Rosa Milheiro Pinto, hoje com 84 anos, não recebia presentes nos natais da sua infância. A família era numerosa e os tempos muito duros. Hoje, quando olha para trás, Rosa compreende as dificuldades que os pais sentiam para criarem tantos filhos, afinal eram 12 à mesa do Natal, mas não esconde a tristeza sentida na altura. “Eu ficava muito desconsolada quando acordava de manhã e não havia nada. À noite, antes de dormir, a minha mãe dizia que tínhamos que acordar cedo para ir receber o Menino Jesus

porque era ele que trazia os presentes, mas ela, quando ainda estávamos a dormir, acordava-nos com o barulho de um pau a bater no forno. Era engraçado porque não sei qual dos filhos é que corria mais depressa para sair da cama”, recorda Rosa, natural de Anta.

Apesar do entusiasmo, junto à lareira nada havia. “Nós perguntávamos pelas prendas e a minha mãe dizia que como tínhamos adormecido e chegado tarde o Menino Jesus não nos tinha deixado nada. Parece que ainda hoje consigo sentir aquele desconsolo, mas sei que era impossível dar a todos”, confessa.

Na casa numerosa onde Rosa vivia o barulho era muito. Para conseguirem preparar a consoada de Natal, os pais de Rosa, que tinham uma cozinha grande, mandavam os filhos brincarem na ponta oposta. “Era uma animação. Éramos muitos e dançávamos todos juntos. Gostávamos daquele dia e de comer coisas que não era costume”, explica, recordando os bolinhos de cabaça, as castanhas e a aletria

que se comia em sua casa.

Como mandava a tradição, a manhã do dia de Natal começava na igreja, mas depois, já em casa, era tempo de beber as tradicionais sopas. “Eram feitas em tigelas de barro. Fazíamos de véspera, tal como o pão, e deixávamos no forno. Quando acabava a missa vínhamos todos a correr para beber as sopas. Era raro bebermos algo que levasse vinho, mas naquele dia era diferente. Bebíamos todos porque tínhamos muito vinho americano”, conta, explicando que se tratava de “outros tempos”.

Quando recordam os natais das suas infâncias, Deolinda, Elisa e Rosa percebem que muitas tradições se perderam. Uma das favoritas era a cantiga de boas festas, algo que, segundo as três amigas explicam, não se tratava das conhecidas janeiras. “Quando éramos pequenas andavam homens a dar as boas festas pelo Natal e pelo Ano Novo. Se as pessoas não abrissem a porta eles cantavam uma cantiga enquadrada em cada família e diziam ‘Nesta casa cheira



BR

Aipal

No coração de Espinho, desde 1964

R. 19, 241

R. 18, 1029

R. 23, 55

R. 26, 972



“

Corríamos para a lareira, mas quando abríamos o sapatinho só havia castanhas. Às vezes, com sorte, umas meias e outras uma fatia de pão”

Deolinda Couto Vieira

a unto, mora aqui algum defunto. Nesta casa cheira a alho, mora aqui algum carvalho. Nesta casa cheira a breu, mora aqui algum judeu!. Se a pessoa abria a porta da casa muito bem, se não abria lá vinha a cantiga”, explica Deolinda, cantando a canção de antigamente.

Correr o velho também era costume antigo, mas fazia-se apenas na noite de ano novo. Rosa Pinto afirma que não apreciava a tradição, pois “não sabia o que por aí vinha”, mas Deolinda recorda o momento com especial carinho. “Pegávamos num pau comprido, amarrava-se moliço e, à meia noite, acendia-se para ver de que lado é que ficava o vento. A minha madrinha chamava-lhe o arrichote, mas a maioria das pessoas dá o nome de correr o velho”, começa por explicar. “Pela fogueira, no topo do pau, conseguíamos ver para que lado estava o vento e assim sabíamos se o tempo estava de Sul ou de Norte. Nessa altura dizíamos sempre a lengalenga ‘fora o velho, entra o novo’ que, no fundo, dizia respeito ao ano”, conta.

Decorar a árvore de Natal era coisa rara, mas em casa de Rosa e Deolinda isso acontecia, tal como contam com orgulho. Usando um pinheiro pequeno trazido dos bosques, Rosa e os irmãos saíam para a colheita do musgo, produto essencial na hora das decorações natalícias, apesar da prioridade ser o presépio. Já em casa de Deolinda a atenção dispensada à árvore era grande.

“Quem vivia melhor enfeitava o pinheiro com algodão para imitar a neve nos raminhos, quem não tinha colocava lã de ovelha. Além disso, colocávamos uns rebuçados e umas sardinhas pequeninas que se comprava antigamente nas mercearias, pois faziam na fábrica das bolachas com a própria farinha. Amarrávamos com uma linha e pendurávamos nos ramos do pinheiro”, revela Deolinda, confes-



Rosa Pinto, Deolinda Vieira e Elisa Silva preparadas para a época e com muitas histórias antigas para contar aos mais novos.

sando que acabava por lhe juntar uns bombons que trazia da mercearia da madrinha e uns santinhos de papel da catequese. “Era assim que adornávamos o nosso pinheiro”. Já Elisa Silva não esconde que em sua casa “não havia nada disso”.

De Penafiel, Arouca e Celorico de Basto para Espinho com o Natal no coração

“No meu tempo o Natal era pobrezinho, mas estávamos sempre à espera desse dia para comer um bocadinho de bacalhau”, assume Maria Emília Rocha, de

62 anos. Apesar de residir em Silvalde há vários anos, foi em Penafiel que cresceu e onde passou os natais da sua infância. “Éramos 12 irmãos, a minha mãe usava uma taça muito grande onde colocava batatas, couves e um bocadinho de bacalhau para cada um. Era um dia muito alegre. cantávamos, dançávamos, pois estávamos sempre ansiosos para que chegasse o dia de Natal para nos consolarmos um bocadinho”, confessa. “Agora é completamente diferente. Já há bacalhau com fartura, mas antigamente fazíamos uma roda à volta da mesa, cada um tinha o seu

garfo, mas a tigela era para dividir entre todos”.

Ainda que visse a mãe fazer as saborosas receitas de Natal, Maria Emília revela que havia uma em particular que adorava. “Aqui não se usa, mas em Penafiel fazia-se muito os mexidos em que se juntava num tacho pão com nozes e amêndoas. Era muito bom, mas naquela altura tudo sabia bem”.

Tal como todas as crianças da época, Maria Emília acordava com vontade de receber o seu presente, mas a descoberta só chegava depois da ida à missa. “O meu pai obrigava-nos a ir com



Aos 94 anos, Vitorino Monteiro ainda se ocupa das suas artes.

Entre muitas histórias, Vitorino Ribeiro recorda uma tradição de Natal: quem tinha vasos à porta de casa ficava sem eles e de manhã ia encontrá-los à porta da igreja.

ele. Lembro-me que aquilo era uma borgia porque éramos muitos e íamos todos atrás dele até à igreja. Quando chegávamos a casa, então íamos a correr para o sapatinho", conta, explicando que aquilo que encontrava era "apenas um rebuçado ou um chokolatinho e já era muito bom". "Às vezes, na brincadeira, o meu pai metia-nos no sapatinho uma batata crua. Era um Natal pobre, mas feliz e posso dizer que tenho saudades desse tempo porque agora é muito diferente".

Naturais de Silvalde, Angelina e Manuel Vale, de 69 anos,

criaram em casas diferentes, mas com tradições e costumes idênticos. A caldeirada era a rainha da mesa, o bacalhau entrava na ementa, mas como explicam "parecia transparente" de tão fino que era. "Em minha casa éramos nove irmãos, a minha mãe cozia as batatas e fazia um género de puré", recorda Angelina, confessando que sente vontade de recuperar essa tradição da sua infância. "Depois, ela fazia uma bolinha no meio, colocava um bocadinho de bacalhau, fritava e levava ao forno. Aquilo era uma doçura para nós", diz, explicando que à mesa havia também as rabanadas e os bilharacos.

Tal como em casa de Angelina, Manuel jantava na noite de Natal da tradicional travessa e usava talheres de ferro, coisa que hoje não se usa, mas antigamente era motivo de orgulho. "De oito em oito dias os talheres eram lixados com palha de aço e, no Natal, era com eles que comíamos a caldeirada", recorda Manuel Vale, confessando que a Missa do Galo não fazia parte das suas tradições.

"Nós vivíamos longe da igreja e antigamente não havia luz, por isso, não podíamos ir no Natal porque era tarde, mas ao domingo íamos sempre", esclarece Manuel.

Como quase em todas as casas, no Natal não havia brinquedos de presente. No entanto, Angelina tinha sempre direito a um guarda chuva de chocolate e um boneco feito pela avó, construído a partir de farrapos de meias.

Filha de lavradores, Alda Reis, de 87 anos, cresceu rodeada dos campos de Arouca, de onde é natural. Nascida numa família numerosa, com sete irmãos, Alda estava habituada a trabalhar a terra e foi a partir do exemplo dos pais

“

Na minha infância o Natal era completamente diferente, se houvesse dois tostões para comprar figos na loja ao lado de casa já era uma festa”

Vitorino Monteiro

que aprendeu valores importantes. Atualmente divide o seu tempo entre o Lar S. Francisco de Assis, em Anta, e a casa de familiares, pois a saída de Arouca deu-se, há vários

“

Era um dia em casa muito feliz, nós íamos dormir contentes e acordávamos ainda mais para ver o sapatinho”

Alda Reis



Alda Reis trocou Arouca por Espinho. Recorda um Natal passado de forma numerosa nas suas terras de origem.

castros

MAGIA

PARIS LA DEFENSE

4 GERAÇÕES
100 ANOS
DE CONFIANÇA

YouTube f Instagram

Castros, Iluminações Festivas, S. A.
Rua da Igreja Velha, 430, 4410-150
São João da Marinha, Portugal
Tel. 22 733 32 20
www.castros.com.pt
ff@castros.com.pt

PUB

“

De oito em oito dias os talheres eram lixados com palha de aço e, no Natal, era com eles que comíamos a caldeirada”

Manuel Vale

“Às vezes, na brincadeira, o meu pai metia-nos no sapatinho uma batata crua”

Maria Emilia Rocha

“Colocava um bocadinho de bacalhau, fritava e levava ao forno. Aquilo era uma doçura boa para nós”

Angelina Vale



Maria Emilia, Angelina Vale e Manuel Vale recordam um "tempo difícil" em que não havia muita fartura na mesa de Natal mas nunca faltavam os sorrisos.

anos, por altura do seu casamento.

O Natal, dia feliz e entusiasmante, era vivido na quinta dos pais e à mesa havia lugar para todos. "Como os meus pais tinham uma quinta grande com muito terreno precisavam de gente para trabalhar. Por norma, essas pessoas apareciam lá para fugir à fome e o meu pai dava-lhes trabalho. Eram empregados, mas faziam parte da família e, por isso, o Natal deles era passado connosco", revela.

Com mais ou menos dificul-

dades, Alda viu o pai, ano após ano, sair para a compra do bacalhau. "A vida era difícil", mas nesse dia ninguém ficava de estômago vazio. "Comprava-se um fardo de bacalhau para dar para todas as pessoas da casa. Onde vivíamos não havia rua e o meu pai tinha que fazer uma parte do caminho num carro de bois, mas conseguia trazer sempre o bacalhau para o Natal", conta a residente do Lar S. Francisco de Assis.

Como, na época, frigorífico

era coisa que não existia, a família de Alda conservava o principal aperitivo do Natal num canastro. No dia, era utilizado para a caldeira, tal como outros produtos eram guardados para a confeção das sobremesas. "A minha mãe cozinhava maravilhosamente bem. Era ela que fazia as doçarias e aquilo que eu mais gostava era das rabanadas e aletria. Ainda hoje é o que gosto mais", confidencia.

Ao anoitecer, depois do jantar, o sapatinho era colocado religiosamente junto à lareira. Alda e os irmãos, depois de apagado o lume, deitavam-se na esperança de no dia seguinte lá encontrar uma pequena lembrança. "Era um dia em casa muito feliz, íamos dormir contentes e acordávamos ainda mais felizes para ver o sapatinho. Até fazíamos muito barulho e o nosso pai zangava-se connosco porque não conseguia dormir", recorda-se Alda, explicando que o que encontravam era sempre o mesmo. "Durante a noite os meus pais colocavam lá umas moedinhas, mas diziam que eram do Menino Jesus. Era uma alegria chegar à lareira e ver o dinheiro, mas acabava tudo por ser gerido pelos meus pais", admite.

Quem também faz parte do

Lar S. Francisco de Assis, em Anta, é Vitorino Monteiro que, aos 94 anos, continua empenhado e a dar asas aos seus gostos pessoais como é o caso das artes. Quando pensa no passado, mais concretamente na sua infância, Vitorino afirma que nunca passou fome, mas também garante que não comia o mesmo que os outros. "Na minha infância o Natal era completamente diferente, se houvesse dois tostões para comprar figos na loja ao lado de casa já era uma festa. Não havia umas sapatilhas, nem meias, nem sequer um lençinho ou uma coisa qualquer. Como tínhamos terrenos nossos que se cultivavam, vivíamos num estado razoável. Caldo e broa na mesa nunca faltava", conta, fazendo alusão ao tempo em que viveu em Celorico de Basto, a sua terra Natal.

"Tenho algumas saudades do Natal da minha infância, mas como procurei sempre uma vivência em todas as fases da minha vida não penso muito nisto", diz Vitorino Monteiro, recordando apenas uma tradição antiga e curiosa. "Antigamente havia o hábito de na noite de Natal roubar os jardins. Quem tinha vasos ficava sem eles e, de manhã, ia encontrá-los à porta da Igreja", recorda. ♦





Texto
André V. Almeida
Fotografia:
Sara Ferreira, Isabel Faustino

Os bastidores do Circo que traz sorrisos ao Natal espinhense

Entre a luz, a cor e muitas gargalhadas, o Eddy Circus está de volta a Espinho pelo segundo ano consecutivo e traz consigo o espírito natalício que encanta miúdos e graúdos. Mas antes do espetáculo começar há muito trabalho dos artistas durante o ano para chegarem à temporada de Natal com novidades preparadas para apresentar ao público.

A Defesa de Espinho foi ter com a família Marinho para tentar perceber melhor como é a vida dos artistas depois das luzes se apagarem.

“Meninos e meninas, senhoras e senhores, este é o maior espetáculo do mundo: o circo” – poucos são aqueles que não conhecem esta emblemática frase que todos os natais chega em força com a caravana circense. Pelo segundo ano consecutivo, o circo chega a Espinho com a trupe do Eddy Circus, que, de sorriso rasgado, nos recebeu depois das luzes dos holofotes se apagarem.

Eddy Marinho dá nome ao circo e foi também quem nos acolheu à entrada da tenda na avenida 24, junto ao Centro Multimeios de Espinho. Aos 33 anos, pode dizer que o mundo circense corre-lhe no sangue, uma vez que é da sexta geração de uma família ligada ao circo. No entanto, foi só aos seis anos que começou com os seus números. “Quando era pequeno comecei por fazer de ‘palhaquinho’, mandava bolas às crianças e fazia animação de pista. Depois, entre os nove e os dez anos, comecei a fazer um número de equi-

librismo sobre cilindros giratórios e daí em diante fui sempre fazendo um pouco de tudo, desde malabarismos, até à equitação de animais”, contou-nos.

São mais de 25 os anos que Eddy leva a atuar em pistas de norte a sul, mas atrás do brilho do espetáculo diz estar um trabalho diário muito árduo. Para um número de malabarismo, refere que são necessárias, no mínimo, entre duas a três horas de treino por dia, apesar de reconhecer que este “nunca está ensaiado” pois numa atuação ao vivo está-se sempre suscetível ao erro. Por isso mesmo, quando ocorre alguma peripécia durante o espetáculo, diz ser necessário manter a calma, tentar disfarçar e continuar o número, uma vez que procura sempre levar o número “até ao limite”, porque é o que as pessoas gostam.

Aos treinos junta-se ainda um trabalho de estudo sobre todas as outras componentes do número, como os visuais, a interação com o

público e as pessoas que vão estar envolvidas no decorrer da performance. Pensar em inovações e novidades para apresentar ao público é, inclusive, um desafio que Eddy tem todos os anos. “Nós começamos por temas, como um filme, e a partir daí criamos um espetáculo”, afirmou o malabarista da família Marinho, que diz ainda estar atento a outros circos e ao que se faz lá fora para conceber um espetáculo de ano para ano.

Segundo Eddy Marinho, um dos grandes objetivos do Eddy Circus é mesmo não deixar o circo tradicional morrer, assim como o legado que fora já deixado desde os seus bisavós. Contudo, para o malabarista e equitador, a tarefa é mais difícil do que se pensa, uma vez que considera que os artistas circenses “são muito discriminados em Portugal”. Fazendo uma comparação com o que vê no estrangeiro, Eddy diz que faz falta uma valorização das artes. O artista refere o abandono a que foram deixados



© Sara Ferreira



pelo Ministério da Cultura, que passou a apoiar apenas o circo contemporâneo, um estilo diferente do circo tradicional. Por isso mesmo, aponta o regresso à 'Cultura' como "uma mais-valia muito grande", até porque diz existirem vários artistas "de grande nível" que não conseguem permanecer em Portugal, uma vez que os circos tradicionais não têm meios para reter os talentos.

O facto de terem sido postos de fora das categorias abrangidas pelos apoios financeiros do Estado para a Cultura, é visto por Eddy Marinho como um profundo desconhecimento por parte da população do trabalho feito pelo circo tradicional. "Ainda somos vistos como os 'tipos saltimbancos'", desabafou o artista circense, lamentando ainda o tom pejorativo que muitos também usam para descrever o modo de vida itinerante associado ao circo.

Questionado sobre as dificuldades de não ter um local fixo para viver, Eddy respondeu já estar habituado, o que faz com que o problema seja precisamente o oposto, ficar demasiado tempo no mesmo sítio. "Se estivermos muito tempo parados no mesmo local, para nós é um problema grande", afirmou, realçando o gosto por correr o país de lés a lés a trabalhar. "Muitas vezes dizemos que é mais fácil uma pessoa que não é do circo adaptar-se à nossa vida do que nós nos habituarmos a uma vida fora do circo", disse o malabarista.

A verdade é que a magia do circo, o espírito natalício intrínseco, a ligação aos mais novos, são coisas que fazem Eddy Marinho esquecer as dificuldades do dia a dia e reforçam a sua paixão pelo mundo do espetáculo. "As crianças e os adultos quando vão ao circo e no fim dizem-nos que adoraram o espetáculo é algo que nos enche de felicidade", admitiu o acrescentando ainda que "não há dinheiro que pague ver que os mais novos gostaram do nosso trabalho".

Esse é mesmo um dos pontos que Eddy Marinho destaca quando questionado sobre o melhor que o circo lhe trouxe. Outro destaque é a ampla "visão que uma pessoa tem sobre o mundo" ao trabalhar num circo que passa por várias terras, algo que considera não ser possível se estivesse sempre num local fixo.

Nessa odisseia que tem feito pelo mundo do circo, Eddy Marinho tem ainda o privilégio de estar junto da sua família e amigos, que ajudam a montar o espetáculo e tornam possível continuarem com a

atividade. É o caso de Tânia, prima de Eddy, que apesar de não ter estado sempre ligada ao circo, há cerca de sete anos tem vindo a "dar uma mãozinha".

Esta aproximação de Tânia ao circo aconteceu quando foi assistir a um espetáculo e conheceu aquele que viria a ser o seu marido, que na altura tinha um número no trapézio. Desde então tem estado sempre ligada ao mundo circense, apesar de o caminho profissional do seu parceiro ter-se afastado do circo nos últimos anos. Tânia trabalha no bar e também ajuda no que for preciso, no entanto admite que por vezes não é fácil conciliar a vida pessoal com a atividade no circo.

Sobre a evolução que o circo tem tido ao longo dos anos, Tânia constata que houve uma deterioração da atividade. "O circo era visto como uma arte e agora é visto como 'os coitados que não sabem fazer mais nada'", referiu, ao mesmo tempo que defendeu que deveriam ter apoio por parte da tutela da Cultura, assim como se deveria apostar mais em escolas de circo.

Além disso, Tânia ainda falou da proibição de compra de animais para os circos e a proibição do uso de animais selvagens, que cobriram os espetáculos de desconfianças, por parte do público, de maus-tratos a estes. "Isso é mentira", refere, tal como Anabela Marinho, que assume um número com cães e outro com pombas durante o espetáculo.

A matriarca da família Marinho refuta as ideias de algumas pessoas



© Isabel Frustino

“

Muitas vezes dizemos que é mais fácil uma pessoa que não é do circo adaptar-se à nossa vida do que nós nos habituarmos a uma vida fora do circo”

Eddy Marinho

que dizem que para conseguirem fazer os números com animais têm de lhes bater e maltratar. Anabela diz que deve ser feito exatamente o oposto, como dar-lhes uma bolacha ou um carinho, de modo a aprenderem os passos durante a atuação. “Muitas vezes basta ouvirem a música, reconhecerem que é a música deles e querem logo vir para a pista trabalhar”, contou-nos sobre o dia a dia dos cães no Eddy Circus.

Durante o seu número com cães fantasiados, Anabela diz ficar encantada com o delírio das crianças com as luzes, o brilho, as roupas, etc. Todavia, também diz que, por vezes, vê pais a torcerem o nariz por verem os animais com roupas, pensando que estes foram magoados para as vestir. “As pessoas se olharem bem para os animais vão ver que eles andam ali com alegria e que eles próprios querem fazer os números”, referiu a tratadora, que falou ainda das vezes em que ocorrem algumas peripécias durante o seu espetáculo. “Quando o animal chega à pista e não está disposto a fazer o pedido e faz outras brincadeiras, temos que alinhar com ele e tentar remediar o caso sem dar a entender ao público”, referiu dando ainda o exemplo das pombas, que por vezes escapam e não voltam à pista durante a performance.

Com a experiência na voz e um sorriso de orelha a orelha, Anabela admite que “estar a atuar e a ver as pessoas a bater palmas e a gostar do que estão a fazer é muito recompensador”. Embora saiba que exista quem não goste, refere que “em 500 aparece 1”, o que não abala a reação geral positiva por parte do público.

Anabela Marinho tem 55 anos e não sabe o que é viver fora do circo. O mundo circense também lhe corre nas veias, onde desde pequena, com os seus 12 anos, se lembra de fazer números com os irmãos e com o pai. Desde então fez um pouco de tudo até aos dias de hoje, onde apesar de ter números com cães e um com pombas, vai ajudando nos outros números quando é preciso. “A vida de circo é assim. Não podemos fazer só uma coisa. Temos de aprender várias coisas, nem que sejam pequenas, porque esse bocadinho pode mais tarde fazer falta para noutro número”, revelou-nos a artista, que diz já ter feito coisas desde o contorcionismo, até um número em que ficava apenas agarrada pelos cabelos, passando também por números de índios e outros bonecos.



Sobre o Eddy Circus, Anabela diz que foi criado há 11 anos para que o filho, Eddy, não tivesse de saltar de circo em circo e pudesse no futuro continuar com a tradição da família, um dia que já não possa continuar a atuar. Primeiramente, este abriu para Espanha, mas devido a problemas de saúde do marido tiveram de regressar para Portugal, onde já correram o país de norte a sul.

Com esta experiência na Península Ibérica, Anabela Marinho consegue apontar várias diferenças entre os dois públicos. “Em Espanha a criança vibra com o circo, os pais deixam mesmo de fazer alguma coisa para irem ver o espetáculo. Em Portugal os pais só levam as crianças ao circo se elas insistirem muito ou se não tiverem mais nada para fazer”, referiu.

Questionada sobre o período da pandemia, em que os circos também tiveram de parar, a matriarca dos Marinho mostrou-se inconformada pelo abandono por parte do Governo. As ajudas que tiveram foram da responsabilidade de populares e autarquias. Anabela relata que estiveram 8 meses parados em Vila Nova de Poiares, onde a população e o município auxiliaram a família e os animais, sendo que depois foram para a freguesia de Loureiro, em Oliveira de Azeméis, onde tiveram os mesmos apoios por parte dos órgãos autárquicos e das gentes da terra, que permitiram fazer face às dificuldades em alimentar “artistas de quatro patas”. Mas o longo interregno de espe-

táculos provocado pela Covid-19 deixou também marcas do ponto de vista pessoal, uma vez que Anabela estava habituada à adrenalina de todos os fins de semana ter espetáculos para fazer e, de repente, passou a ter de ficar sentada a ver as horas passarem.

Porém, se houve algo de bom que a pandemia trouxe, foi o aumento da procura pelos espetáculos após os confinamentos. “O público agora está mais para se divertir, não quer ficar em casa” afirmou Anabela Marinho, apesar de reconhecer que a inflação irá fazer, certamente, retrair as pessoas no momento de irem ao circo. “Não somos só nós. Todos os circos dizem estar a ter uma maior aderência desde o fim da pandemia”, referiu.

Fazendo uma retrospectiva à sua já longa carreira no circo, Anabela Marinho admitiu que o mundo circense lhe tem trazido muitas alegrias, mas também muitas tristezas. “O circo é a minha vida, nasci nisto e quero morrer nisto”, afirmou. No entanto, a mãe de Eddy diz que começa a pensar que um dia terá de encostar as botas, mas que não quer. “Como se costuma dizer, enquanto me mexer, enquanto houver forças para andar, as cordas andam”, desabafou Anabela.

Sem vontade de parar está também Gino Marinho, o patriarca da família. A sua arte está em fazer rir os outros. Através das suas palhaçadas, rouba vários sorrisos às crianças. Aos 67 anos, Gino recebe-nos com uma alegria conta-

“

As crianças e os adultos quando vão ao circo e no fim dizem-nos que adoraram o espetáculo é algo que nos enche de felicidade”

Eddy Marinho





© Sara Ferreira



giantes, junto à pista, onde poucos minutos antes tinha deixado uma plateia inteira às gargalhadas.

Na voz carrega já a experiência de uma vida inteira ligada ao circo, que começou, precisamente, como palhaço. Gino Marinho afirma que todos quando chegam ao circo têm de fazer de palhaço, uma vez que "é aí que perdem o medo e a vergonha de enfrentar o público". A partir daí, seguiram-se vários outros papéis, desde trapezista até malabarista, passando por outros números que lhe preenchem a carreira. Ao longo desta, foram 48 os países em que já atuou e muitas são as histórias que guarda.

A região do sudeste asiático foi uma das que Gino Marinho mais lembra de ter passado em digressão. Entre várias histórias que viveu na Ásia, o artista contou-nos um episódio em que chegou à Indonésia depois da sua trupe se desfazer, sozinho, e juntou-se a uma trupe de Guilherme Cardinali. Na altura esta tinha falta de palhaços e, por isso, foram chamados dois elementos da escola de circo Royal London Circus para começarem com ele, António Branco e Paulo Guilherme, que mais tarde viriam a eternizar-se como Bata-tinha e Companhia junto dos mais novos nos canais de televisão.

Sendo inevitável a comparação entre a experiência no estrangeiro e a experiência em Portugal, Gino Marinho destaca a forma de tratamento dos artistas circenses como a grande diferença do nosso país para o resto do mundo. "Hoje em Portugal ainda somos tratados como 'vagabundos', que andam de terra em terra", disse.

Esta desvalorização do circo tradicional, com tenda, que vai de terra em terra, tem vindo a tornar-se cada vez mais um peso, principalmente depois de o Ministério da Cultura ter distinguido este estilo de atividade circense do circo contemporâneo e ter apenas incluído este último no universo de beneficiários de apoios estatais para o setor cultural. Isto, aliado às crescentes despesas que os espetáculos acarretam, como as autorizações das autarquias para ocupação da via pública, tornam o circo mais frágil.

O patriarca dos Marinho acha justa a inclusão do circo contemporâneo como cultura, mas diz ser uma injustiça o circo tradicional também não estar incluído, uma vez que acabam por ter mais encargos, como as tendas, em que têm de as montar faça chuva ou faça sol.

Questionado sobre como se



© Isabel Frastão

“

Em Espanha, as crianças vibram com o circo e os pais deixam mesmo de fazer alguma coisa para irem ver o espetáculo. Em Portugal os pais só levam as crianças ao circo se elas insistirem muito ou se não tiverem mais nada para fazer”

Anabela Marinho

poderia valorizar mais o circo português, a resposta de Gino segue a linha de Eddy, Tânia e Anabela: voltar a serem tutelados pelo Ministério da Cultura, o que permitiria desde logo cobrar um imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) de 6%. No entanto, deixou também como sugestão seguir o exemplo de países como a Irlanda, Inglaterra e Países Baixos, em que as autarquias têm locais destinados ao circo.

Relativamente ao público, depois de observar plateias de várias gerações ao longo das últimas décadas, Gino Marinho diz notar bastantes diferenças entre os espectadores de antes e os atuais. "Antigamente, eu entrava na pista com um grande nariz, uns grandes sapatos, uma cabeleira, metia a língua de fora e o público ficava logo às gargalhadas. Hoje não. Agora tenho de ser mais cómico que palhaço, até porque é mais difícil fazer as pessoas rir", referiu o patriarca da família Marinho, que apontou como causas para isso a situação económica, mas também a própria mentalidade lusa. "Temos um país que está triste, onde as pessoas têm medo de se rir. Não somos como a vizinha Espanha em que às nove da noite entramos num bar e este está cheio", disse. Assim sendo, afirmou ainda que "hoje é



© Sara Ferraz

e têm de lutar". Já Anabela, além de força de vontade, acredita que "devem ter muita coragem", uma vez que para seguir uma vida de circo é preciso mesmo gostar, pois "é uma arte bonita, divertida, mas tem momentos bons e maus, não são só alegrias", deixando como exemplos as reações de alguns populares nas terras a que vão que os podem magoar.

Por outro lado, Gino Marinho refere que existem "escolas que acham que são escolas de circo em Portugal", em que pode sair "um ou outro artista", no entanto considera isso difícil, só acontecendo quando há "muita força de vontade para seguir". Por isso, recomenda a quem está interessado no circo tradicional a vir para o circo, seja ele qual for, e que peça aos artistas para aprender com eles os números mais simples e a partir daí continuar. ♦

muito mais difícil ser palhaço".

Como empresário do mundo circense, Gino refere que antes da pandemia as coisas não estavam fáceis para o circo, no entanto, na altura, não sabia que o cenário podia ficar tão mau como ficou em 2020. Quando a Covid-19 rebentou em Portugal, refere que ficaram sem qualquer fonte de rendimento e não tiveram acesso a qualquer ajuda do governo, sendo que, tal como já tinha afirmado Anabela Marinho, foram as autarquias e os populares que ajudaram o circo tradicional a sobreviver.

Depois de dois anos bastante duros, o patriarca dos Marinho conta-nos que "por um ato de magia", abriram o circo e este começou a faturar. "O ano passado foi muito bom, este ano também, mas 2021, quando houve finalmente liberdade para sair de casa, muitas crianças e adultos fartos de estarem em casa vieram ao circo", disse o palhaço do Eddy Circus, que se mostrou contente pela "temporada muito boa" que fizeram.

Mas tal como a sua esposa, Gino Marinho também afirma que a pandemia deixou marcas como artista. "Eu e a minha mulher sentíamos falta dos aplausos, das crianças, dos seus risos... Foi muito difícil. Chorámos muito", desabafou o palhaço, que referiu ainda que "enquanto houver uma criança no mundo, o circo não morre".

Como empresário circense, este ano Gino Marinho tem três circos em funcionamento durante

a quadra natalícia. A Espinho chega com o Eddy Circus pelo segundo ano consecutivo, um circo que considera especial pelo feedback que tem do público espinhense. Em vista tem já um acordo para cinco anos com o município, que trará a família Marinho para o concelho nas próximas quadras natalícias. Na 'Rainha da Costa Verde', o palhaço diz encontrar um público muito receptivo, que vem desde longe para os ver, como Penafiel e Arouca. "O feedback em Espinho tem sido muito bom", afirmou.

Circo com olhos no futuro

À conversa com a Defesa de Espinho esteve também o membro mais novo do Eddy Circus, Fernando Ferraz, que com 17 anos se estreou este mês de dezembro nas pistas circenses com um número de malabarismo. Sem qualquer relação familiar com circo, foi mesmo o gosto pelo espetáculo que trouxe o malabarista a este mundo.

"Desde pequeno que sempre gostei de circo. Fazia muitas vezes espetáculos para ninguém, ou pintava-me de palhaço", contou-nos a jovem promessa do Eddy Circus. Como não tinha qualquer relação com o mundo circense, Fernando começou a desenvolver um número para mais tarde apresentar. O malabarismo foi uma das opções, mas rapidamente acabou por abandoná-la, apesar de continuar a praticar de vez em quando. "Há cerca de meio ano o Eddy Circus apresentou-me um convite e, com ajuda do senhor Gino e do Eddy, foi possível

estrear-me na semana passada [dia 2 de dezembro]", relatou-nos.

Nessa primeira apresentação às plateias, quando todos diziam que estava nervoso, Fernando afirma que não sentia isso, apesar de reconhecer que os nervos, por vezes, estão lá e é preciso lidar com eles. Questionado sobre como é reagir às falhas, que são mais comuns nos primeiros tempos, foi com "normalidade" que assumiu encará-las.

Desafiado a deixar uma mensagem para aqueles que estão agora a começar e pretendem entrar no mundo circense, Fernando Ferraz responde que "o primeiro passo é ensaiar e persistir", sendo que se realmente quiser seguir no circo, deve "ser sonhador e continuar a lutar para desenvolver um número". Além disso, deixou um incentivo para não terem medo de falar com os artistas de circo, de fazerem amizade com quem já anda dentro do mundo dos espetáculos, deixando como exemplo a amizade que tinha com a família Marinho, que o levou primeiro a tratar da publicidade e das redes sociais do circo e, agora, surgiu-lhe a oportunidade de ingressar nas pistas como malabarista, mas que em breve seguir-se-á o número de palhaço com Gino.

O mesmo desafio foi lançado à família Marinho, de modo a trazerem um incentivo para ingressarem no mundo do espetáculo. Para Eddy, "se têm o sonho de vir para o circo, não podem desistir

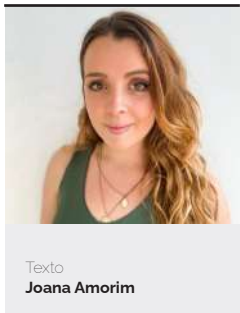
“

Antigamente, eu entrava na pista com um grande nariz, uns grandes sapatos, uma cabeleira, metia a língua de fora e o público ficava logo às gargalhadas. Hoje não. Agora tenho de ser mais cómico que palhaço, até porque é mais difícil fazer as pessoas rir”

Gino Marinho



À procura do espírito de Natal



Texto
Joana Amorim

O diário abriu magicamente numa página que relatava um sonho maravilhoso que o Pai Natal tinha tido: era véspera de Natal e todos estavam felizes!

Anita dizia que o Natal servia apenas para receber presentes. Todos os anos via a irmã mais nova e os pais envolvidos nas tarefas e tradições de Natal, mas achava que estas não faziam qualquer sentido. Estava sempre ao telemóvel e filmava a abertura de cada presente. Em casa da Anita, as prendas não tinham nome e a família costumava abri-las, em conjunto, na manhã de dia 25. Na antevéspera de Natal, a Anita não conseguia dormir. Só conseguia pensar naquilo que iria receber. Faltavam cinco minutos para a meia-noite quando decidiu levantar-se da cama e ir até à sala espreitar os presentes e tentar adivinhar qual seria o seu. Estava a admirar os embrulhos quando reparou que havia uma caixa muito maior do que as outras todas. Por ser tão grande, desconfiou que seria para si, já que era a irmã mais velha e, por isso, achava ela, teria direito ao maior presente de todos. Pegou na caixa e abanou-a. Parecia tão leve para uma caixa tão grande que não conteve a curiosidade e desembrulhou-a. Lá dentro encontrou um pequeno globo de neve e ficou muito desapontada. Não era, de todo, aquilo que tinha idealizado receber. Muito chateada, a Anita pegou no globo de neve e agitou-o com força. De repente, o globo emitiu uma grande luz que a deixou sem ver nem ouvir durante breves segundos. Quando abriu os olhos, estava a nevar e a Anita já não estava na sua sala de estar. Estava em frente a uma casinha que parecia ser feita de gengibre e decorada com bengalas às riscas brancas e vermelhas. "Olá!" - ouviu a Anita e assustou-se ao ver um boneco de neve com um gorro de duende e um nariz vermelho em vez de uma cenoura. Nunca tinha visto um boneco de neve assim, nem sequer em livros ou filmes. Ainda por cima, falava. "Quem és tu? E como é que sabes o meu nome?" - perguntou, desconfiada. "Eu sou o Óscar! O Pai Natal deixou-te um presente para colocar à prova os teus valores e tu provaste não ter o espírito de Natal dentro de ti. Estou aqui para te ensinar a gostar do Natal" - respondeu. "Mas eu gosto do Natal! Gosto de receber os presentes e isso já é suficiente!" - defendeu-se. "É bom gostares do que recebes mas isso não é gostar do Natal. Além disso, abriste um presente sozinha antes do dia de Natal e isso é proibidíssimo. O segredo para voltares para casa está dentro da

casinha de gengibre, mas só poderás voltar quando encontrares o espírito de Natal!" - e desapareceu, transformando-se em pura neve.

A Anita nem acreditava no que lhe estava a acontecer. De facto, não sabia o que era o espírito de Natal, nem queria saber! Mas acima disso, só queria voltar para casa. Entrou na casinha e qual não é o seu espanto quando viu que o interior era uma réplica exata da sua sala de estar. Havia uma grande mesa cheia de comida e com bastantes cadeiras, velas acesas, jarras com azevinho e uma árvore de Natal mas, contrariamente à de sua casa, esta não tinha uma única decoração. E debaixo da árvore não havia presentes. Havia apenas um livro pousado no chão.



Aquela aventura estranha tinha deixado a Anita cheia de fome e, então, decidiu que o melhor seria sentar-se à mesa e comer, não fosse a comida desaparecer de repente como tinha acontecido com o boneco de neve. Começou pelas entradas, serviu-se duas vezes de caldeirada e perdeu-se entre as rabanadas e o bolo-rei. Comeu até ficar saciada, mas parecia que aquelas iguarias não tinham o sabor do costume. A sala estava muito silenciosa. Não havia vozes nem música. A Anita nunca tinha reparado nisso, mas a verdade é que a falta das vozes e das músicas de Natal fazia com que a comida parecesse sem sal.

A Anita levantou-se e foi para junto do pinheiro, que estava ao pé da lareira, para se aquecer um pouco. Voltou a reparar no livro que estava debaixo da árvore e não conteve a curiosidade. Abriu-o e na primeira página leu: "Diário do Pai Natal". A menina sabia que era errado ler os diários das outras

peças mas não é todos os dias que se pode ler os pensamentos do velho que todos os anos distribui tantos presentes por todo o mundo. O diário abriu magicamente numa página que relatava um sonho maravilhoso que o Pai Natal tinha tido: era véspera de Natal e todos estavam felizes! Não havia solidão, todos tinham família, uma casa onde morar, uma mesa pronta para a ceia de Natal e comida. Não havia pobreza, nem ódio, nem guerras. Apenas amizade e amor. Mas o Pai Natal depressa acordou e viu que, infelizmente, tinha sido tudo um sonho. Ficou muito triste por ver que só algumas pessoas no mundo é que tinham todas as condições reunidas para comemorar um Natal com alegria. Incapaz de ficar apenas a observar, o Pai Natal decidiu preparar o seu trenó para o encher de presentes e distribuí-los, na véspera de Natal, por todas as pessoas do mundo. "Espero que o meu contributo faça com que todos possam viver um dia repleto de alegria, pelo menos, uma vez por ano!" - dizia a última frase da página do diário. A Anita ficou muito sensibilizada e percebeu que realmente os presentes eram apenas uma ajuda para tornar o Natal mais feliz e que o importante era partilhar a alegria com a sua família. Sentia-se cada vez mais sozinha e só queria voltar para casa, para junto dos pais e da irmã. Olhou para a árvore de Natal, com pena de a ver tão despida, e achou que esta também poderia estar a sentir-se solitária. Em cima da mesa, viu uma estrela que fazia parte da decoração da caixa do bolo-rei. Pegou nela e colocou-a no topo da árvore, com um sorriso, sentindo que estava a melhorar o dia de alguém, embora a árvore não fosse uma pessoa. De repente, a estrela começou a brilhar muito e a Anita ouviu a voz do Óscar, o boneco de neve, dizer-lhe: "Agora que já percebeste o que é o espírito do Natal, podes voltar para casa!"

Quando abriu os olhos, a Anita já tinha voltado à sala de sua casa e estava feliz. Sentia o coração quente e estava ansiosa por partilhar a véspera de Natal com a sua família. Queria ouvir as histórias da mãe, provar as sobremesas do pai, brincar com a irmã, cantar canções de Natal e admirar as luzes da sua bonita árvore. Tinha um lar, comida na mesa e, sobretudo, amor e alegria no coração. Afinal, os presentes não eram assim tão importantes. ♦

COMÉRCIO LOCAL

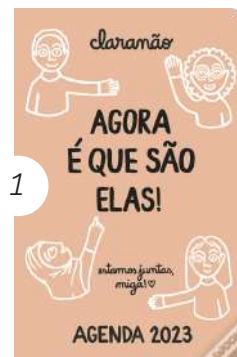
Texto
Lisandra Valqueresma
Fotografia
Sara Ferreira



1 Agenda para 2023 - Agora e que são elas

Onde: Papelaria ABC, Rua 19, N° 182
Preço: 16,60€

Com a mudança do ano todos precisamos de uma agenda. Esta, da ilustradora Clara Não, é uma sugestão para todos, mas principalmente para as mulheres.



1

2 Chinelos

Onde: Casa Maximino, Rua 23, N° 502
Preço: 7€

Com lã, quentinhos e confortáveis, estes chinelos são a peça ideal para usar no conforto de casa.



2

3 Cabaz de Natal

Onde: 20 Intensus, Rua 20, N° 610
Preço: 27,90€

Conjunto com diversos produtos como biscoitos, chá, marmelada, licor e bombons.



3

4 Presépio com luz

Onde: Eloisa Atelier, Rua 23, N° 455
Preço: 25€

Não há Natal sem presépio, por isso, este feito a partir de madeira é uma boa escolha para levar para casa.



4

5 Meias

Onde: Loja das Miudezas, Rua 23, N° 447
Preço: De 9,50 até 14€

De várias cores, feitos e preços. Há para todos os gostos, mas o objetivo é comum: manter os pés bem quentinhos.

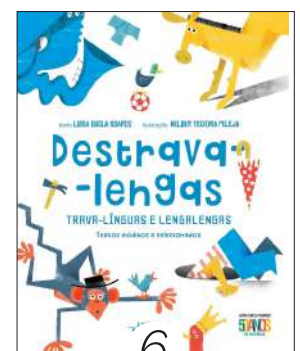


5

6 Livro Destrava-Lengas

Onde: Papelaria Duarte, Rua 18, N° 615
Preço: 12,60€

Pode ser a companhia perfeita para as tardes de frio passadas em casa ou para uma noite de convívio entre amigos.



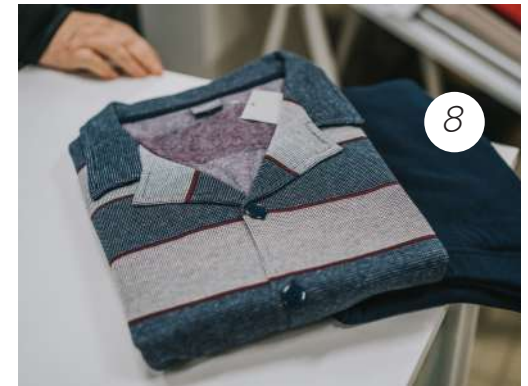
6



7 Pijama Senhora

Onde: Mercado Municipal
Preço: 27,50€

De vermelho a fazer lembrar o Natal. Pode servir como oferta ou como compra própria para a ajudar a entrar no espírito festivo.



8 Pijama homem

Onde: Mercado Municipal
Preço: 30€

Menos colorido do que o feminino, mas nem por isso menos confortável. Ideal para homens discretos, mas friorentos.



9 Sapato e bolsa senhora

Onde: Sapataria Manuel, Rua 19, N° 236
Preço: 130€/179€

Em tom mais escuro, mas nem por isso menos sofisticado. Pode comprar o conjunto ou, se preferir, em separado.



10 Robe senhora

Onde: Mercado Municipal
Preço: 35€

Para tornar os momentos em casa ainda mais quentes e confortáveis.



11 Garrafa de ginja

Onde: Casa Maximino, Rua 23, N° 502
Preço: 10€

Para ajudar a aquecer nos dias mais frios, mas também para nos aproximar dos sabores da Serra da Estrela.

12 Velas

Onde: Perles de Chocolate, Rua 23, N° 318
Preço: De 5,90 a 17,90€

De diferentes tamanhos, cores e feitios. A oferta é muita e o aroma intenso.



13 Candeeiro com pé de mesa de cristal e candeeiro de mesa

Onde: Móveis e Coisas, Rua 23, N°244
Preço: 289,50€/95,80€

Pode ser a peça que procura para tornar a decoração da sua sala de estar ainda mais intimista e sofisticada.



14 Casaco senhora

Onde: Milenna, Rua 23, N° 238

Preço: 635€

Colorido e ideal para afugentar os dias mais tristonhos. Dê asas à imaginação e finalize o seu visual com esta peça.



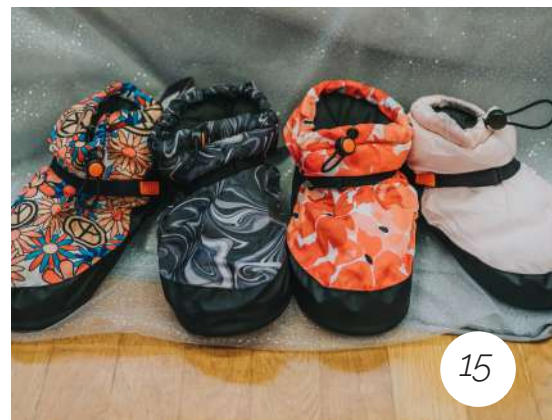
14

15 Bota de aquecimento

Onde: I Love Dance, Rua 12, N° 666

Preço: 45€

Para ajudar a manter os pés da sua dançarina ainda mais quentinhos.



15

16 Fada decorativa

Onde: Esotéricos Nati, Rua 21, N° 236

Preço: 232,50€

Se é fã deste tipo de decoração, esta fada de grandes dimensões pode ajudar a tornar a sua casa ainda mais irreverente.



16



17

17 Bola de Natal com música

Onde: Móveis e Coisas, Rua 23, N° 244

Preço: 19,90€

É a peça que nunca pode faltar em casa em todos os natais. Por isso, se não tem, aqui fica a sugestão.



18

18 Coroa de Natal

Onde: Esotéricos Nati, Rua 21, N° 236

Preço: 38€

Para a porta exterior, interior ou outro espaço da casa, esta é uma peça que nunca pode faltar no Natal.



19

19 Colete e gola de senhora

Onde: 4500 Craft Corner, Rua 62, N° 52

Preço: 37,50€/15€

Peças feitas à mão e ideais para a ajudar a combater o frio que se faz sentir.

20 Conjunto homem

Onde: Via Espiga, Rua 23, N° 210

Preço: Sapatilha 249€/ Casaco 499€ / Calça 149,95€ / Cachecol 99,95€

Se está à procura de sugestões para homem este conjunto em tons camel podem ajudá-lo a decidir.



20

A magia gulosa dos sonhos de abóbora



Mónica Santos,
Bolos com Sentidos



INGREDIENTES

500 gr de abóbora bolina cozida e escorrida
250 gr de açúcar
250 gr de farinha tipo 55
2 ovos
1/2 colher de chá de fermento em pó
Raspa de meia laranja
Vinho do Porto qb
Açúcar qb
Canela em pó qb

PREPARAÇÃO

Depois de ter abóbora cozida e escorrida, adicionar as gemas o açúcar e amassar bem.

Aromatizar com a raspa de laranja e um pouquinho vinho do porto.

Bater as claras em castelo e depois envolver ao preparado da abóbora com os aromáticos e gemas, alternando sempre com a farinha que já está com a colher de fermento em pó! Repete a operação até acabar a farinha e as claras sempre a envolver bem!

Frita em colheradas em óleo quente até dourar bem os sonhos

Passar por açúcar e canela e colocar numa travessa bem natalícia!

Mónica Santos da página do Facebook "Bolos com Sentidos" preparou uns verdadeiros sonhos de abóbora para adocicar, ainda mais, o Natal. Siga a receita e aventure-se a transformar em realidades estes sonhos.

Natal não rima, de forma alguma, com dieta. É tempo de fechar os olhos à linha e de abusar, dentro do razoável, dos doces. Por Espinho não faltam padarias e confeitarias com gulodices de qualidade elevada. Contudo, achamos que o tradicional, feito em casa, pode ter outro sabor. Assim, falamos com a Mónica Santos, responsável pela página online do Facebook "Bolos com Sentidos" e deixamo-nos levar pelos sonhos...de abóbora.

Esta é uma receita típica e tradicional de um doce de Natal habituado a estar à mesa na noite de 24 e no dia 25 de dezembro.

Os ingredientes são fáceis de encontrar em qualquer supermercado e/ou

frutaria local. Com tudo reunido e devidamente organizado, avançamos então para a confeção dos sonhos com as dicas de Mónica Santos:

"Depois de ter a abóbora cozida e escorrida vamos adicionar as gemas e depois o açúcar, amassando tudo muito bem.

Depois é tempo de aromatizar com a raspa de laranja e um pouquinho de vinho do Porto.

Bater as claras em castelo e depois envolver ao preparado da abóbora com os aromáticos e gemas, alternando sempre com a farinha que já está com a colher de fermento em pó. Repetimos a operação até acabar a farinha e as claras sempre a envolver bem.

Frita em colheradas em óleo quente até dourar bem os sonhos.

Para terminar, basta passar por açúcar e canela e colocar numa travessa bem natalícia!" ♦



Risu do Isaac (2019)

Tinto DOC Douro **Teor:** 14% **PVP:** 18,98€
Castas: Tinta Amarela, Touriga Franca, Touriga Nacional
Local: Novo Oriente / Coviran – Rua 31

Boa sugestão para quem procura um DOC Douro diferente. Produzido pela Quinta do Isaac, em Covas do Douro, o Risu é um blend, resultado de uma vindima manual e de um estágio de 18 meses em carvalho francês.

No copo, apresenta uma cor rubi com tons violetas. O aroma é ao mesmo tempo fresco e complexo, com notas de frutos negros e flores. Na boca, tem boa complexidade e aponta para a presença de frutos silvestres, baunilha e chocolate. Os taninos são firmes, maduros e uma acidez equilibrada.

Recomenda-se algum tempo de abertura e serve-se entre os 17 e os 18 graus. Harmoniza com carnes vermelhas.



Murganheira Grande Reserva Bruto

Espumante Távora / Varosa **Teor:** 13% **PVP:** 22,85€
Casta: Malvasia Fina, Tinta Roriz, Touriga Nacional
Local: Novo Oriente / Coviran – Rua 31

Resultado de três castas tradicionais das regiões e sub-regiões durienses, este clássico é um espumante com potencial de envelhecimento, após nove meses de estágio em madeira e 16 anos em garrafa, com *bâtonnage* anual.

A cor no copo é amarela brilhante. Os aromas trazem frutos secos e baunilha, e na boca consegue ser intenso, mas, ao mesmo tempo, elegante. Ao olhar, este vinho tem um aspeto límpido com libertação de bolha fina e persistente.

Deve ser servido num *flute* de pé alto, bem fresco, entre os 6 e os 10 graus. Combina bem com sobremesas de ovo, mas também com peixes, mariscos e saladas.



Manolito (2018)

Tinto Alentejo **Teor:** 13,5% **PVP:** 15,50€
Castas: Moreto e Trincadeira
Local: Garrafeira Diálogo de Gerações – Av. 8 / CC Solverde 1

Saído da Amareleja e com produção baseada no vinho de talha, este tinto alentejano apresenta uma cor rubi granada com boa intensidade e reflexos violáceos.

O aroma denota contenção e complexidade de início, revelando fruta madura, ameixa, cereja e notas herbais. O tempo no copo traz notas terrosas. A boca é rica, texturada, com taninos presentes, mas domados pelo barro. Uma acidez viva traz-lhe um equilíbrio e vida fantásticos. Termina longo e complexo, saboroso e demorado.

Merece ser servido entre os 16 e 18 graus e justifica a companhia de sabores intensos, como os assados, queijos e enchidos.



Quinta do Vallado

Porto Branco **Teor:** 19,5% **PVP:** 10,09€
Castas: Moscatel Galego Branco (80%)
Local: Novo Oriente / Coviran – Rua 31

Quase dispensa apresentações, este Porto branco produzido por Francisco Ferreira e Francisco Olazabal. Depois de uma fermentação em sistema de bica aberta (20 dias, aproximadamente) este generoso estagiou durante três anos em cubas de inox.

Quando abrimos a rolha, o aroma é fresco e intenso, onde predominam os tons florais e os frutos cítricos. Na boca, o sabor é muito intenso a fruta cristalizada (laranja), com um final longo e delicado.

Harmoniza com produtos típicos da mesa de Natal, como os frutos secos, os queijos curados e as azeitonas. Deve ser servido fresco - entre os 6 e os 10 graus.



Herdade de São Miguel Esquecido (2020)

Branco Alentejo **Teor:** 12,50% **PVP:** 15,95€
Casta: Arinto
Local: Novo Oriente / Coviran – Rua 31

A casta Arinto tem dado que falar no mercado dos vinhos, nacional e internacional. O vinho que sugerimos é produzido pela Casa Relvas, em São Miguel de Machede - Redondo. Um vinho onde estão bem presentes o aroma a frutos secos e mel.

Na boca é complexo, com bom volume e muito fresco. A colheita foi feita manualmente, com maceração pré-fermentativa de 24 horas e posterior estágio de 16 meses. O 'Esquecido' acompanha bem carnes brancas e peixes condimentados, como o bacalhau - tão típico nesta altura do ano.

Recomenda-se servir entre os 7 e os 12º c. Recebeu 18 pontos na Vinho Grandes Escolhas.



Quinta da Oliveirinha (2015)

Porto LBV **Teor:** 19,5% **PVP:** 24,60€
Castas: Touriga Nacional, Touriga Franca, Tinta Amarela
Local: Garrafeira Diálogo de Gerações – Av. 8 / CC Solverde 1

Produzido por Tiago Alves de Sousa, este LBV - que envelhece em garrafa - apresenta uma intensa cor rubi. Os aromas mostram notas balsâmicas, chocolate preto, cerejas e especiarias. É um Porto envolvente e com personalidade, com um final longo e harmonioso.

Para experienciar corretamente, deve ser aberto 30 minutos antes de ser servido e com uma temperatura de 15 graus. Antes disso, a garrafa deve estar deitada e guardada em local fresco, seco e escuro.

As combinações gastronómicas fazem dele um excelente companheiro para o Natal: queijos salgados, chocolate amargo e sobremesas com frutas vermelhas.

MÁGOA

(A todos os que nesta noite, longe da família, exilados pela doença, tiveram como eu um Natal de solidão).

Mágoa
que emerges da noite como urna obsessão sem fim
mágoa
que vens visitar-me envolta em sombra...

Deixa que eu recorde, só, na solidão
povoada em que me encontro
o fatalismo trágico da hora que passa...
Não venhas perturbar o repouso agónico
do meu espírito
não venhas rasgar-me a alma
com recordações que não posso esquecer
não venhas entornar a calma
que se fez em meu redor
– que até os gritos lancinantes do meu íntimo
tem eco –
Não venhas com essa suavidade de neve
bater nas vidraças do meu pensamento
que podes acordar a dor e a revolta
que em mim moram
Mágoa
que as estrelas acendem nesta noite sem lua
em que me perdi
Mágoa
que oprime peitos tão humanos como os meus
e cuja dor
a minha dor senti
Mágoa
estranha e infinita e insondável, misteriosa,
sádica, obsessora, e perturbadora
do silêncio em que me banho agora
Mágoa
que é dor de sempre e dor de toda a hora
Mágoa
que me envolves nas tuas garras sem sentido
mas que ferem num sítio definido
o coração
Mágoa
que vens, tenebrosa,
rasgar as águas estagnadas e tranquilas
em que vogo
Mágoa
sedução desta noite de paz e amor
universal

Mágoa
que me abraças, que me feres, que me dóes
Mágoa
que és, na noite, um antónimo dos sóis
que nunca vi brilhar no horizonte
Mágoa
que me pesas
e me cavas na fronte
esta agonia
Mágoa
que trazes à minh'alma a consciência deste dia
sem igual

Mágoa
que vieste gerar poesia como um astro
gera luz para brilhar
Mágoa!..
deita-te comigo
e deixa-me chorar...

Natal – Meia Noite
24-12-58

Poema de Manuel Laranjeira (Neto)
in Defesa de Espinho
29 de novembro de 1969

AS ROSAS DE NATAL

Meu Amor! Meu Amor! Aqui tens rosas
Que vêm perfumar o teu Natal:
repara como tenho as mãos nervosas
ao erguer, para ti, um Ritual.
não têm espinhos, não te fazem mal,
são puras, são altivas, são formosas.
Se este meu grande amor é já fatal
porque não te hei de dar as minhas rosas?
É esta a lei da vida, é sempre assim:
cultivamos as rosas d'um jardim
para n'um dia só as desfolhar...
e depois, meu amado, isso que tem?
– As rosas do amor só se dão bem:
nas mãos daquele a quem temos de amar!

Soneto da autoria de Beatriz Delgado,
publicado na edição de 1 de janeiro de
1933 do jornal Defesa de Espinho, numa
seção do jornal intitulada Os Nossos
Poetas



Do bodo aos pobres, à fila da lotaria: uma viagem aos primeiros jornais de Natal

A propósito dos 90 anos da Defesa de Espinho, fomos ao arquivo recuperar os temas abordados nas edições natalícias na primeira década do jornal. A linguagem de época, as ações de caridade aos mais pobres, mas também temas pouco festivos – como as invasões do mar – dominavam a cobertura informativa.

Edições especiais, publicidade abundante, grandes entrevistas. Nada disso fazia parte do quotidiano dos jornais na década de 30 do século XX, período em que Benjamim Costa Dias deu à estampa o jornal Defesa de Espinho. Na primeira edição de Natal, publicada justamente a 25 de dezembro de 1932, a manchete trazia um “Viva ao Senhor Ministro do Interior”, referindo-se à passagem do “Doutor Albino dos Reis” pelo concelho, em trânsito ferroviário para uma visita à sua terra natal: Oliveira de Azeméis. A curta incursão ministerial “deu ensejo a uma grandiosa manifestação do povo de Espinho ao governo da ditadura nacional”, podia ler-se na primeira página da Defesa.

A única referência natalícia em toda a edição estava disposta na primeira página, com uma pequena nota que se tornou regra durante décadas: “a todos os nossos dignos assinantes, anunciantes e amigos «Defesa de Espinho» apresenta o seu cartão de boas festas desejando lhes um Natal alegre e feliz”.

No ano seguinte, em 1933, na edição de 3 de dezembro, o jornal iniciava uma angariação de fundos que veio a fazer escola na cidade: o Natal das Crianças Pobres. Apelando (ver imagem em anexo) aos espinhenses para “minorar a desdita das criancinhas da creche de São Vicente de Paulo”, era divulgada pela Defesa uma subscrição em benefício da mesma creche, instando os leitores para que “concorram com o seu óbolo para um fim tão meritório” (sic).

Em 1933, edição de 24 de dezembro, voltava a ser destaque de primeira página um tema pouco relacionado com o Natal: a expo-

sição industrial de Espinho. O jornal aludia a um “grandioso certame” de uma cidade que poderia “ufanar-se de possuir intramuros indústrias que o nobilitam e elevaram a justificada fama”. As fábricas Alberto de Sousa Reis & C.^a, Progresso, Botões Reis & C.^a Lda., Fosforeira Portuguesa, entre outras que estiveram representadas no evento, gozavam de espaço publicitário neste número especial.

Em 23 de dezembro de 1934 mantinha-se a iniciativa do Natal dos Pobrezinhos. Mas o conteúdo mais interessante da publicação estava na última página, numa secção intitulada Diálogo Vareiro e cujo texto era assinado pelo pseudónimo Arrais da Velha. A crónica, com tom marcadamente irónico, dizia o seguinte: “num estabelecimento cá da terra foram colocadas duas inscrições: uma para quem quisesse habilitar-se à sorte grande, outra para recolher o óbolo do Natal para os pobrezinhos. Pois bem, a que era para a sorte grande encheu-se rapidamente, até perfazer mil escudos, preço do meio bilhete em questão; mas a outra, aquela que era destinada aos pobres, apenas duas assinaturas a encimavam”.

Preocupada com as invasões do mar – que motivaram uma reunião entre as “forças vivas” da cidade no Teatro Aliança – a Defesa de Espinho não trazia à estampa grandes conteúdos natalícios na edição de 22 de dezembro de 1935. A exceção foi uma curiosa referência ao Natal do Sinaleiro: tratava-se de um peditório nacional, que visava proporcionar uma “ceia de Natal para a família daqueles indicadores do bom caminho”.

No ano seguinte, a 20 de dezembro, surgia em manchete “O Problema do Jogo”, traduzindo-se num longo texto sobre a transição entre administrações da sociedade Espinho-Praia – então, concessionária do casino – e a lentidão das obras de renovação daquele equipamento. O pseudónimo João da Beira Mar, numa coluna designada por Varanda de Pilatos, fazia as despesas comemorativas da edição, com uma crónica muito ao estilo deste período: “numa época em

que os desvairos humanos sobem a tamanhas alturas, sem forças espirituais que os dominem, o contraste estabelecido entre a fartura e a miséria toma proporções de tam abismal grandeza” (sic).

Antes e durante o Estado Novo, os responsáveis pelas autarquias eram indicados por decreto do Estado central. Nesse contexto, em dezembro de 1937, o Ministério do Interior designou Augusto de Castro Soares como presidente da Câmara Municipal de Espinho e foi esse o tema de abertura na edição que antecedeu o Natal, no dia 19.

Em 1938, a Defesa de Espinho coincidiu na sua data de publicação com o dia de Natal e solicitava, como prenda e objeto de comemoração da independência de Portugal, a construção de uma avenida que ligasse as marginais da Granja e Espinho. Ao lado, um texto de Isidoro Duarte Santos, do mensário Luz e Caridade de Braga, apelava ao Natal de Jesus, “reunião de almas, congregação de espíritos benfazejos, dispostos a consolidar a paz e a contrair divinas alianças”.

No ano seguinte, a 24 de dezembro, regressava o destaque às ações de caridade, neste caso para a criação da Obra de Proteção aos Pobres de Espinho. O projeto já tinha cinco meses de existência e havia reunido 20 contos, para

prestar auxílio a cerca de 250 pessoas desvalidas em todo o concelho. Uma das formas de contribuir para a OPPE era pela aquisição de um distintivo que custava três escudos, “quantia que não é pesada a ninguém”. Já em 1940, a 22 de dezembro, um texto burocrático fazia as despesas da época, ilustrando a “lareira espiritual da nossa casa”. Então, o tema principal era a pavimentação das ruas 37, 39 e 41, e que, na perspetiva do jornal, tornava a Mata num bairro “consideravelmente valorizado”.

Na edição de 21 de dezembro de 1941, anunciava-se na primeira página a composição da Comissão de Natal para os Pobres, com José F. da Silva Júnior, Vicente Monteiro, Elísio Batista, António Lacerda, Antenor Costa e Fausto Neves. Na semana seguinte, dia 28, a Defesa publicava que 450 famílias necessitadas de Espinho “foram ajudadas e contempladas com um magnífico bodo”. A composição do cabaz era, assaz, curiosa: as famílias pequenas recebiam dois quilos de batatas, três quartos de bacalhau, meio quilo de pão e um quarto de litro de azeite; as famílias maiores recebiam três quilos de batatas, um quilo de bacalhau, dois quilos de pão e meio litro de azeite. As primeiras recebiam, ainda, dois escudos em dinheiro e as segundas recebiam três. ♦



CASINO ESPINHO

Réveillon

2023

SALÃO ATLÂNTICO

DIANA BASTO DUO ★ SAMBA BRASIL ★ ALL IN ONE

RESTAURANTE BACCARÁ

CLASSIC DANCE ★ ABBA MIA SHOW ★ UNION SALSERA

JANTAR DE GALA



gruposolverde.pt

50
DESDE
1972
ANOS



SOLVERDE
CASINOS · HOTÉIS